DOCUMENTO HISTÓRICO
PLACAR
São Paulo
FESTA TAMBÉM NO BRASILEIRO
Criciúma
A VITÓRIA NA COPA DO BRASIL
Editora Abril
N.º 1067 JANEIRO DE 1992
Cr$ 4.700,00
Cruzeiro
SUPERCAMPEÃO DA LIBERTADORES
Flamengo (RJ)
Operário (MS)
Fortaleza (CE)
Goiás (GO)
Nacional (AM)
Sergipe (SE)
Internacional (RS)
Atlético (AC)
Dom Bosco (MT)
Criciúma (SC)
Bahia (BA)
São Paulo (SP)
CSA (AL)
Campinense (PB)
Picos (PI)
Paraná Clube (PR)
Muniz Freire (ES)
Atlético (MG)
América (RN)
Remo (PA)
Sampaio Corrêa (MA)
Taguatinga (DF)
Sport (PE)
CAMPEÕES 91
TUDO SOBRE OS GRANDES TÍTULOS DO ANO
GRÁTIS
POSTERS GIGANTES DO FLAMENGO E SÃO PAULO • SUPERPOSTERS DO INTERNACIONAL, ATLÉTICO-MG, SÃO PAULO, CAMPEÃO BRASILEIRO, E CRUZEIRO, CAMPEÃO DA SUPERCOPA • POSTERS DE TODOS OS CAMPEÕES

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Thomaz Souto Corrêa
Diretor Superintendente: Ronald Degen

Diretores de Área:
Carlos Roberto Berlinck, Celso Nucci,
Jaime de Oliveira Nascimento, Júlio Bartolo
Miguel Sanches, Oswaldo de Almeida
Roberto Dimbério

PLACAR

Diretor-Gerente: Vanderlei Bueno

Diretor Editorial: Juca Kfouri
Diretor de Arte: Carlos Grassetti

REDAÇÃO
Redator-Chefe: Sérgio F. Martins
Editor: Celso Unzelte
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Repórter: Paulo Coelho
Editores de Arte: Afonso Grandjean, Walter Mazzuchelli (colaboradores)
Diagramadores: André Luiz Pereira da Silva, Graziela Iacocca e Mônica Ribeiro (colaboradores)
Assistentes de Produção: Sebastião Silva e Wander Roberto de Oliveira

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni
Escritório Nova York: Dorrit Harazim (gerente), Frances Furness (assistente)
Escritório Paris: Pedro de Souza (gerente), Álvaro Teixeira (assistente)
Buenos Aires: Odillo Licetti (correspondente)
Departamento de Documentação - Gerente: Susana Camargo
Serviços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinelli
Automação Editorial - Gerente: Cícero Brandão

PUBLICIDADE
Diretor: Meyer Alberto Cohen
Assessor: Moacyr Guimarães
Gerentes: Dario Castilho, Nilo Galdeano Bastos, Pedro Bonaldi, Roberto Nascimento (SP); Aldano Alves (RJ)
Coordenação de Publicidade: Sadako Sigematu (supervisora), Tieko Kuniyuki (Coordenadora)
Representantes: Adriana Sandoval, Aldo S. Falco, Ana Marta Manfio Gozzio, Antonio Carlos Perreto, Eliane Pinho S. da Silva, João Marcos Ali, Liliane Schwab, Luiz Alberto Diegues, Luiz Marcos Perazza, Luiza Pantalea, Marcia Regina da Silva, Olavo Ferreira, Renato Bertoni, Ronaldo Lipparelli, Selma Ferraz Souto (SP); Andrea Veiga, Maria Luciene Lima (RJ)
Serviço de Marketing Publicitário - Supervisora: Marta de Moraes

Diretores Regionais: Angelo A. Costi (Região Centro); Elcenho Engel (Região Sul); Geraldo Nilson de Azevedo (Região Nordeste)
Escritórios Regionais: Verene Lopes Cançado (Belo Horizonte); Rogério Ponce de Leon (Brasília); Lilica Mazer (Curitiba); Rosangela Isoppo da Cunha (Porto Alegre); Sílvio Provazzi (Recife); Alfredo Guimarães Motta Netto (Salvador); Mauro Marchi (Santa Catarina)
Representantes: Fênix Propaganda (MT); Intermídia (Ribeirão Preto); Luca Consultoria de Comunicação e Marketing (MS); Multi-Revistas (PB e RN); Sucesso Representações e Marketing (PA); Vallemidia - Representações e Publicidade (São José dos Campos); Via Goiânia (GO); Vitória Mídia (ES)

PLANEJAMENTO E MARKETING
Gerente de Planejamento e Controle: Carlos Herculano Ávila
Gerente de Produto: Reynaldo Mina

ASSINATURAS
Diretor de Serviços ao Assinante: Eduardo Marafanti

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Responsável: Osvaldo Franco Domingues Jr.

Grupo Abril

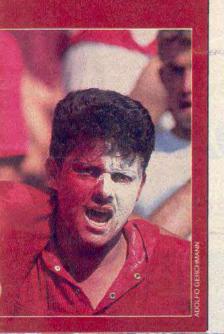
Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidentes: Angelo Rossi,
Edgard de Sílvio Faria, Ike Zarmati,
José Augusto Pinto Moreira, Luiz Fernando Furquim,
Placido Loriggio, Raymond Cohen,
Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

NELIO RODRIGUES

RICARDO CORRÊA

ANTONIO CARLOS MAFALDA

ADOLFO GERCHMANN

ALBARI ROSA

Apesar da crise, apesar dos regulamentos esquisitos, o futebol no fim sempre vence. Para alegria da galera. Com suas bandeiras, suas cores e seu entusiasmo. Parabéns, torcidas campeãs de 1991

PLACAR

AS VITÓRIAS DO FUTEBOL

O maior campeão do ano é o São Paulo, ninguém pode discutir. Sob o iluminado comando do pé-quente Telê Santana e do brilhante Raí, o tricolor mais uma vez provou o que uma administração arejada pode conquistar. Campeã brasileira e paulista, a direção são-paulina só deve um pouco mais de audácia no enfrentamento da cartolagem da Federação Paulista e da CBF, grandes campeões da imoralidade.

Neste ponto, o Flamengo mais uma vez ficou com a taça. Comprou as brigas certas e mesmo que não as ganhe deu o exemplo. Pena que a solidariedade dos outros grandes clubes tenha ficado apenas no gesto.

O Cruzeiro também fez sua parte em campo, ganhando a Supercopa.

E PLACAR conquistou seu tricampeonato no Prêmio Esso, o mais importante da imprensa brasileira. Em quatro anos, três prêmios, demonstração insofismável da qualidade do jornalismo esportivo independente praticado pela revista há quase 22 anos.

Com vitórias desse tipo, o maior campeão é você, nosso caro leitor.

Juca Kfouri

POSTERS GIGANTES
Flamengo e São Paulo
POSTERS ESPECIAIS
São Paulo, campeão brasileiro
Cruzeiro, Internacional e Atlético

SÃO PAULO

PRONTO PARA MAIS UMA DÉCADA

Com o comandante Raí em campo e Telê Santana no banco, o time dos anos 80 mostrou que tem tudo para dominar a década de 90

DANIEL AUGUSTO JR. PULSAR

Raí *(ao lado)*, Antônio Carlos e Elivélton *(abaixo)* curtiram a festa como torcedores. O São Paulo foi pura emoção

RICARDO CORRÊA

O apito final do juiz Ílton José da Costa, depois do empate em 0 x 0 contra o Corinthians, era a senha que o meia Raí precisava. Braços erguidos, ele abandonou a festa com a torcida e partiu decidido para abraçar Telê Santana. "Campeão, campeão!", gritava para o técnico.

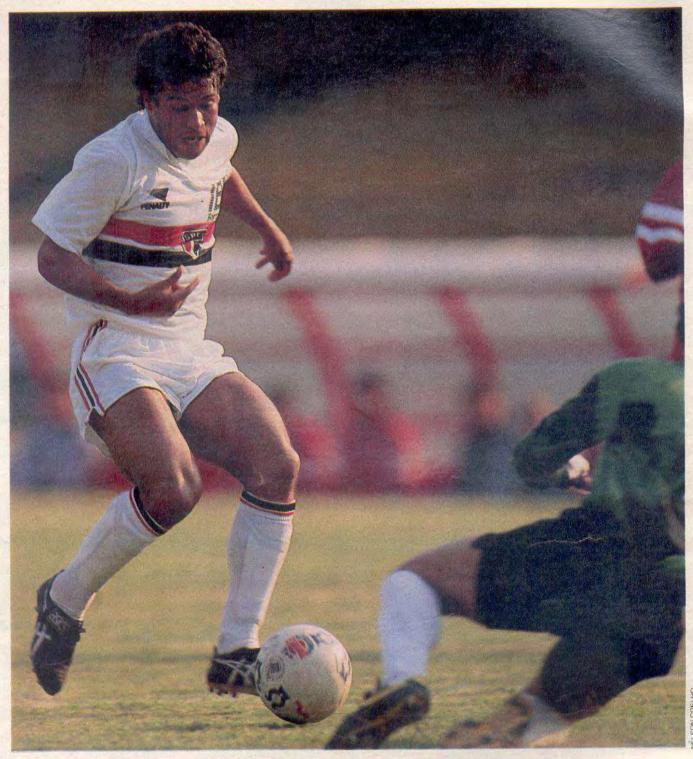
Em pouco tempo, todos os jogadores são-paulinos envolveram o treinador em abraços, dedicando a conquista a ele. "Isso é melhor do que o próprio título", retribuía o técnico com os olhos lacrimejando.

O abraço comovido dado pelo meia em Telê era a expressão exata da alegria tricolor.

Em função dos dois, a cidade se pintou de vermelho, preto e branco desde as primeiras horas da manhã do domingo. Por todos os cantos, só se viam bandeiras são-paulinas.

Até a torcida corintiana, acostumada a dominar o Morumbi com seus gritos de guerra, se viu esmagada diante de uma surpreendente maioria tricolor.

Também dentro de campo os alvinegros reconheciam a superioridade dos adversários. "Os méritos do título são do São Paulo", afirmava o lateral-direito Giba após a derrota. E não era preciso ir longe para perceber as vantagens do time dirigido por Telê. A ofensividade defendida pelo técnico criou o melhor ataque e a maior média de gols do campeonato desde o Santos de Pelé. Foram 66 gols em

SÃO PAULO

Müller marcou oito gols e formou uma dupla com Macedo que aterrorizou as defesas inimigas

34 jogos, ou 1,94 por partida, média inferior nos últimos 22 anos somente aos 2,19 conseguidos pela equipe santista em 1969. E quem pensa que o tricolor alcançou êxito apenas por jogar no Grupo B, contra times mais fracos, está equivocado.

O São Paulo só disputou esse grupo por não superar os mesmos adversários de 1991 na repescagem de 1990. E a média de gols do time de Telê na Segunda Fase, quando teve o Palmeiras como adversário, foi ainda melhor do que no resto do campeonato: 2,16 por partida. Por isso, a torcida não se continha depois da conquista contra o Corinthians. "Esse é o time que veio da Segunda Divisão", desabafava o presidente da TUSP (Torcida Uniformizada do São Paulo), Hélio Silva.

Azar dos adversários por terem menosprezado os são-paulinos. "Disseram que estávamos na Segundona e isso ajudou a unir o grupo como nunca", afirmava o zagueiro-central Antônio Carlos. A união era percebida desde os churrascos feitos pelo elenco até as horas de rezar, momentos antes dos jogos. Uma cerimônia que

Discreto e eficiente, Zetti jogou todas as partidas e foi uma segurança para a defesa são-paulina

RICARDO CORREA

Cafu abandonou o meio-campo graças a Telê. Hoje é um lateral maduro

exigia um ritual: antes de cada partida, eram colocadas rosas vermelhas diante de uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, no vestiário. E as flores tinham hora marcada para chegar. Nas duas finais contra o Corinthians o horário foi pontualmente às 14h10. Essa, no entanto, não era a única superstição do elenco. Na decisão, o ônibus que conduziu a delegação foi o mesmo da viagem a Bragança, na final do Brasileiro. E a placa se repetia: HY-2573, de Campinas. Isso sem falar na camisa vermelha do técnico Telê Santana, usada em todas as partidas da reta de chegada do Paulistão.

A bem da verdade, porém, o tricolor não precisava disso. Afinal, contou com o melhor elenco do futebol de São Paulo. E, para desequilibrar, tinha Raí, um jogador que explodiu em 1991, voltou à Seleção Brasileira e se tornou

SÃO PAULO

artilheiro do campeonato com vinte gols. Um craque apontado por Telê Santana como o melhor do Brasil e que garantiu o título marcando três vezes nos 3 x 0 do primeiro jogo contra o Corinthians. Por isso ele não escondia sua felicidade. Nos vestiários, depois da conquista, Raí derramava de champanhe a Coca-Cola sobre quem passasse perto da festa são-paulina. "Foi uma conquista com um gosto especial", reconhecia. "Vencemos nosso maior rival e completei um ano sensacional", afirmava com um largo sorriso no rosto.

Uma temporada que se mede nos seus índices de avaliação física. Do início de 1991 até aqui, sua potência muscular pulou de 6,68 para 11,09 watts por quilo — a média dos outros atletas é 7,13. Em conseqüência, melhoraram sua velocidade e impulsão. Essa sua evolução serve para mostrar que o São Paulo não é campeão apenas dentro de campo. "Planejamos cada detalhe do crescimento do elenco", conta o fisiologista Turíbio Leite de Barros. "Por isso a explosão aconteceu na fase decisiva."

Um planejamento que só esteve perto de falhar com o volante Sídnei. Durante a semana que antecedeu a final, ele sentiu dores musculares e foi poupado de alguns treinos. Mas, depois do empate em 0 x 0 com o Corinthians, o jogador mostrava toda a sua alegria. "Ser campeão é a melhor coisa do mundo", dizia, eufórico. No Morumbi, ganhar é um hábito que parece longe de acabar. Principalmente levando-se em conta a organização do clube, incomparavelmente superior à dos rivais. Ou que outra equipe seria capaz de se recuperar das perdas de Ricardo Rocha e Leonardo e ser campeã paulista no mesmo ano? Assim, o diretor de futebol Fernando Casal de Rey não tinha medo de falar sobre o futuro. "A casa está pronta e só falta colocar alguns móveis", comparava. "Quando isso ocorrer, o time estará pronto para ser, como nos anos 80, o campeão da década de 90."

RICARDO CORRÊA

A comemoração, com o mesmo espírito da equipe dentro de campo: alegria

NELSON COELHO

Símbolo do clube, "São Paulo" abraça Telê, assim como o clube já fizera antes

DANIEL AUGUSTO JR. PULSAR

Raí chuta para marcar o primeiro contra o Corinthians. Um jogo que mudou uma verdade até então incontestável

O ARTILHEIRO

AGORA O IRMÃO É O DOUTOR

RAÍ não é mais o irmão de Sócrates. Sócrates é que é o irmão de Raí. O Campeonato Paulista fez a frase — que parecia um pecado mortal — se tornar lugar-comum nas bocas são-paulinas. De seus pés saíram vinte dos 66 gols tricolores. E, com eles, Raí foi o artilheiro do Paulistão. Tudo graças a uma determinação que nasceu no início do ano. "Passei a ter mais ambição", lembra o craque. Por isso, se a história reservará sempre um lugar para Sócrates, para cada são-paulino hoje ele não passa do irmão de seu maior ídolo.

A CAMPANHA

21 VITÓRIAS. SEM PERDER O HÁBITO

FASE CLASSIFICATÓRIA
1.º TURNO
Olímpia 1 x São Paulo 1
Juventus 0 x São Paulo 4
Santo André 3 x São Paulo 3
São Paulo 1 x Rio Branco 0
São Paulo 5 x Marília 2
Sãocarlense 0 x São Paulo 0
São José 2 x São Paulo 3
São Paulo 3 x Noroeste 1
São Paulo 1 x União São João 0
Ponte Preta 0 x São Paulo 0
São Paulo 2 x São Bento 1
São Paulo 1 x Catanduvense 0
Internacional 0 x São Paulo 1

2.º TURNO
São Paulo 0 x Santo André 0
Catanduvense 0 x São Paulo 5
São Paulo 2 x Juventus 0
Rio Branco 0 x São Paulo 1
São Paulo 2 x Sãocarlense 1
Marília 2 x São Paulo 2
São Paulo 1 x Internacional 4
São Paulo 5 x São José 0
Noroeste 1 x São Paulo 1
São Bento 0 x São Paulo 0
São Paulo 3 x Ponte Preta 1
São Paulo 1 x Olímpia 0
União São João 1 x São Paulo 2

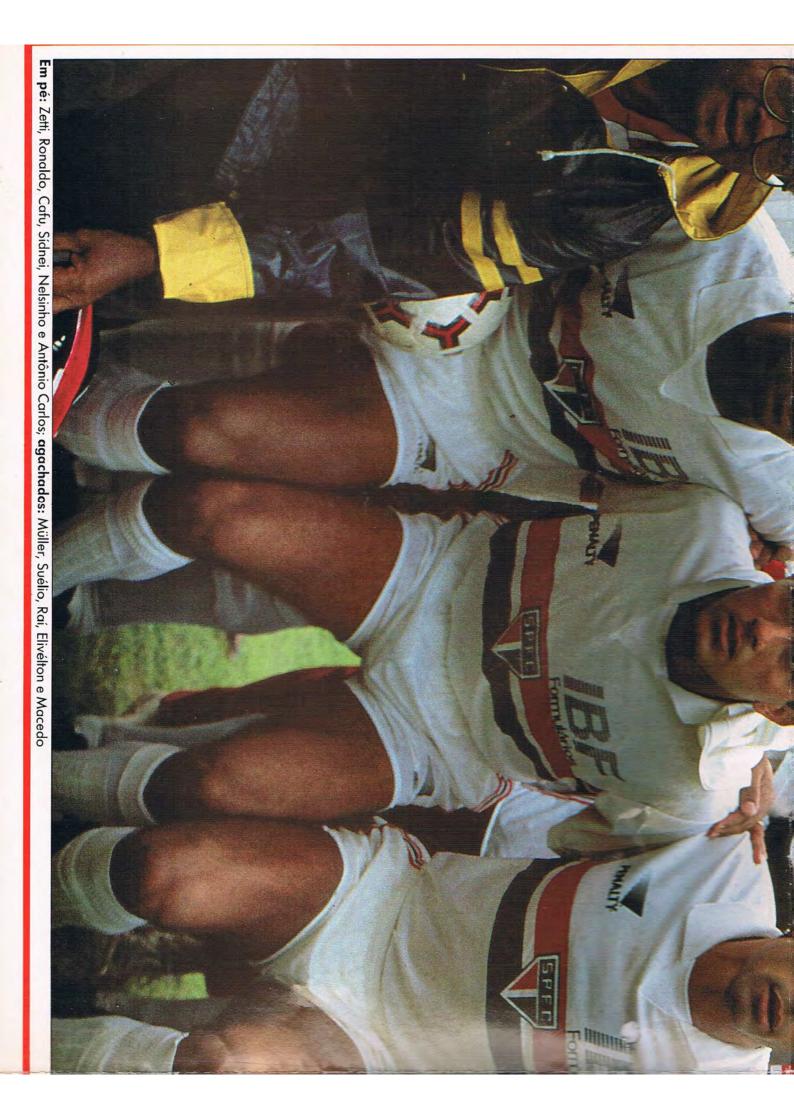
FASE SEMIFINAL
Palmeiras 2 x São Paulo 4
São Paulo 2 x Botafogo 1
Guarani 2 x São Paulo 2
Botafogo 1 x São Paulo 1
São Paulo 4 x Guarani 1
São Paulo 0 x Palmeiras 0

FINAIS
Corinthians 0 x São Paulo 3

15/dezembro/91
SÃO PAULO 0 X CORINTHIANS 0
Local: Morumbi (São Paulo); **Juiz:** Ílton José da Costa; **Renda:** Cr$ 371 373 000; **Público:** 106 142; **Cartão amarelo:** Guinei, Raí, Suélio e Marcelo
SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Nelsinho; Sídnei, Suélio e Raí; Macedo, Müller e Elivélton. Técnico: Telê Santana
CORINTHIANS: Ronaldo, Giba, Marcelo, Guinei e Jacenir; Jairo, Ezequiel (Carlinhos) e Wilson Mano; Marcelinho, Tupãzinho e Paulo Sérgio. Técnico: Cilinho

SÃO PAULO Campeão Pau

lista 91

Em pé: Zetti, Ronaldo, Cafu, Sídnei, Nelsinho e Antônio Carlos; **agachados:** Müller, Suélio, Raí, Elivélton e Macedo

CAMPEÃO CARIOCA

FLAMENGO

SAGRAÇÃO RUBRO-NEGRA

A vitória veio de virada, com um show de Júnior. Uma festa para flamenguista nenhum esquecer

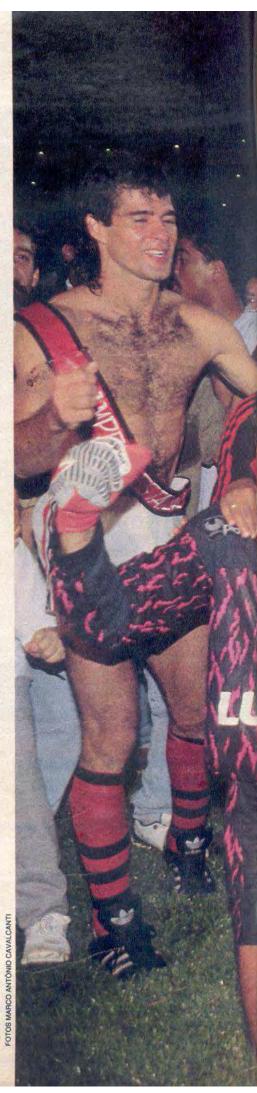
Dias antes da decisão do Campeonato Carioca, enquanto os tricolores não podiam dormir sossegados, nenhum rubro-negro duvidava do título. A primeira partida, realizada no domingo, 15 de dezembro, já sinalizava o caminho da taça rumo à Gávea. Apesar do empate em 1 x 1, o Flamengo foi o senhor do jogo, como já havia sido em uma campanha de dezessete vitórias, sete empates e apenas uma derrota, para o mesmo Flu, em 25 jogos. Diante disso, os próprios jogadores do tricolor pouco comemoraram o gol de pênalti de Ézio, que, àquela altura, colocava o time em vantagem. Pareciam, eles também, adivinhar quem seria o campeão.

De fato, na quinta-feira, 19, a noite do vigésimo segundo título rubro-negro (sem contar o campeonato especial de 1979) foi marcada por uma felicidade absoluta. Depois de ver Vasco e Botafogo levarem dois bicampeonatos nas últimas quatro disputas, o Mengão voltou a dominar o Rio. E do jeito que seu povo gosta: de virada, contra o Fluminense, seu maior rival, que acabou amargando o sexto ano na fila.

Uma vitória saborosa também porque, embora premeditada, jamais chegou a ser fácil. Com um novo gol do centroavante Ézio, o Fluminense abriu o placar pela segunda vez nos jogos finais. Até aí, os fatos pareciam dar razão a Edinho. Necessitando da vitória (o regulamento dava ao Flamengo um ponto extra), o técnico tricolor mandou seu time explorar o lado

FOTOS MARCO ANTÔNIO CAVALCANTI

As cenas do delírio flamenguista: acima, Marcelinho puxa o "trenzinho" da alegria; ao lado, os jogadores se misturam com a torcida para receber a taça

BRAX
BRAX
BRAX
CAMPEÃO ESTADUAL

FLAMENGO

esquerdo do adversário, onde estavam Piá e Júnior Baiano. Quis o destino, porém, que dos pés do desacreditado lateral-esquerdo Piá nascessem os dois primeiros gols de uma fantástica virada para 4 x 2.

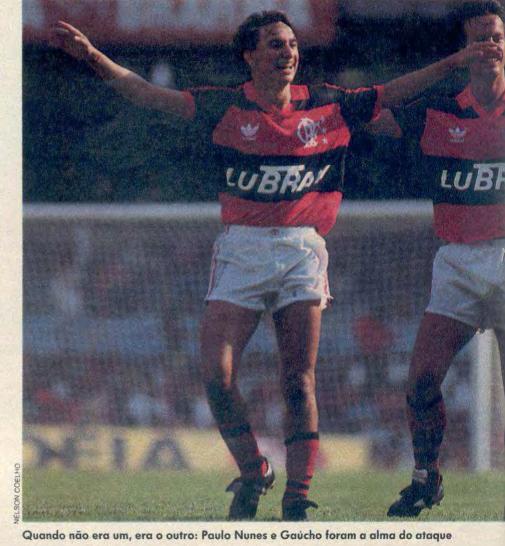
"Estávamos precisando só de um título para nos firmar", festejava o atacante Marcelinho. "Os garotos são mesmo os melhores do Rio", reforçava o presidente Márcio Braga. Tais declarações eram um reconhecimento à vitória dos "Gaúcho's Boys", como ficou conhecida essa mescla em vermelho e preto de jovens — como Piá, Nélio e Paulo Nunes — e jogadores experientes, como Gaúcho e Júnior. No final do primeiro turno, perdida a Taça Guanabara, foi Júnior quem exigiu do próprio artilheiro Gaúcho uma maior aplicação nos treinamentos. E, quando isso aconteceu, o Flamengo não perdeu para mais ninguém.

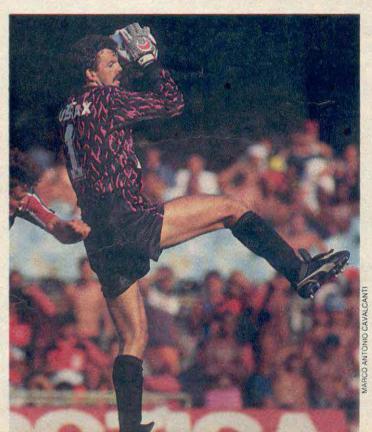
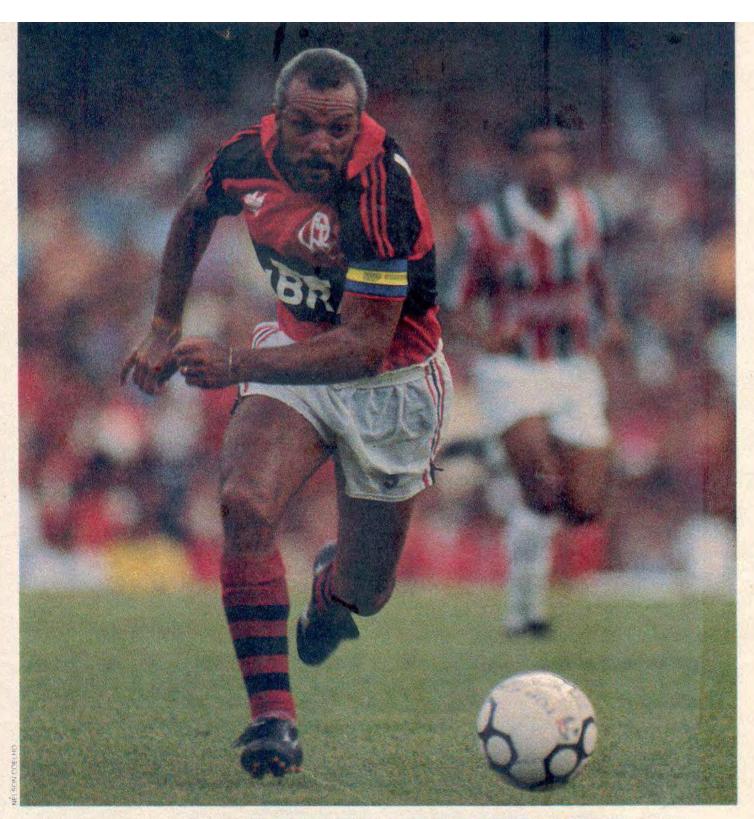
Um time que começava pelo goleiro pé-quente Gilmar, campeão por onde passa (Internacional e São Paulo), e cujo rastro de sorte chega até Wílson Gottardo, tricampeão no Rio (foi bicampeão em 1989 e 1990 pelo Botafogo), não poderia mesmo morrer na praia. Até o contestado técnico Carlinhos, campeão da Copa União em 1987 ao lado de Zico, Renato Gaúcho e Bebeto, sentia a pro-

NELSON COELHO

Quando não era um, era o outro: Paulo Nunes e Gaúcho foram a alma do ataque

NELSON COELHO

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

Uma defesa de muita sorte: Gottardo, que já é tri no Rio, e Gilmar, goleiro campeão por onde passa

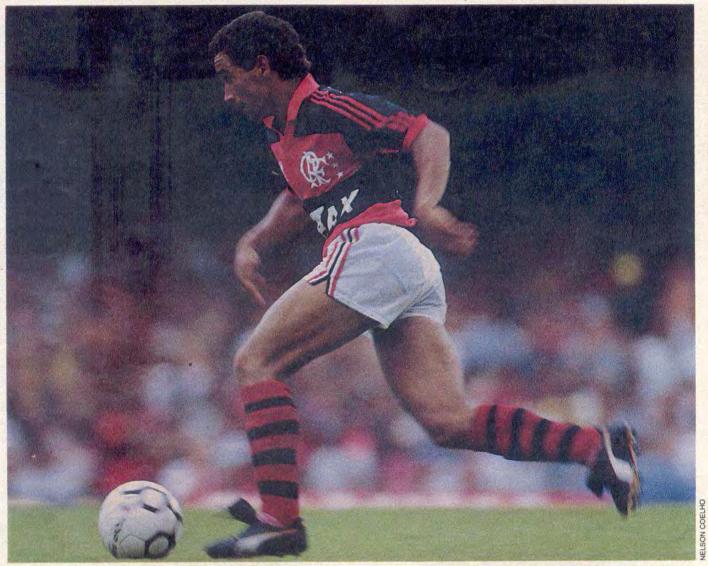
NÉLSON COELHO

ximidade de provar, enfim, seu valor, treinando desta vez um time jovem e sem as estrelas de antes.

Tudo começou a mudar no segundo tempo do Fla-Flu final, quando o Maracanã assistiu à décima segunda conquista estadual do rubro-negro em seu gramado, igualando o feito do Fluminense, até então o maior papão de títulos desde a inauguração do estádio, em 1950. Uidemar empatou, Gaúcho virou e Zinho, com um tirambaço de fora da área, selou a conquista. Quanto ao Flu, apesar da contusão de Bobô e as expulsões de Carlos

MARCO ANTÔNIO CAVALCANTI

Nos pés de Júnior, o melhor da festa: uma atuação de gala e o quarto gol, que matou o Flu. Depois, enquanto a torcida pedia para que ele continuasse jogando, o abraço no filho Rodrigo

FLAMENGO

NELSON COELHO

Zinho *(acima)* foi uma das armas do Fla, organizando o time que consagrou definitivamente Carlinhos como técnico *(abaixo)*

Itaberá e Pires, ainda teve forças para descontar, novamente com Ézio.

O melhor da festa, porém, ainda estava por vir. Eram 38 minutos do segundo tempo e, pelo que havia anunciado durante a semana, Júnior, eleito pela imprensa carioca o melhor jogador do ano no Rio, vivia seus últimos sete minutos no futebol. Nem por isso, porém, deixou de dar mais uma contribuição para "resgatar o prestígio do clube", como afirmaria depois. E lá estava ele, de novo, em sua 768.ª partida com a camisa do Flamengo — é o recordista de jogos com a camisa do clube, na frente até de Zico —, para consolidar a vitória com um quarto e apoteótico gol. Depois, prometeu: "Preciso pensar um pouco mais antes de parar". Era tudo que a torcida precisava ouvir. Só então a festa do Flamengo campeão se fez realmente completa.

MARCO ANTÔNIO CAVALCANTI

Mais do que com seus gols, Gaúcho contagiou a torcida com sua irreverência

NELSON COELHO

TIPICAMENTE CARIOCA

*Na campanha do título carioca, **GAÚCHO** foi mais do que um simples artilheiro. Ele era a alma rubro-negra. Desde que chegou à Gávea, o centroavante deixou claro que se adaptaria à torcida flamenguista, mostrando um jeito tipicamente carioca. Com declarações polêmicas e uma contagiante alegria, ele se tornou ídolo. E, de quebra, foi o artilheiro do campeonato com dezessete gols — média de 1,5 por jogo.*

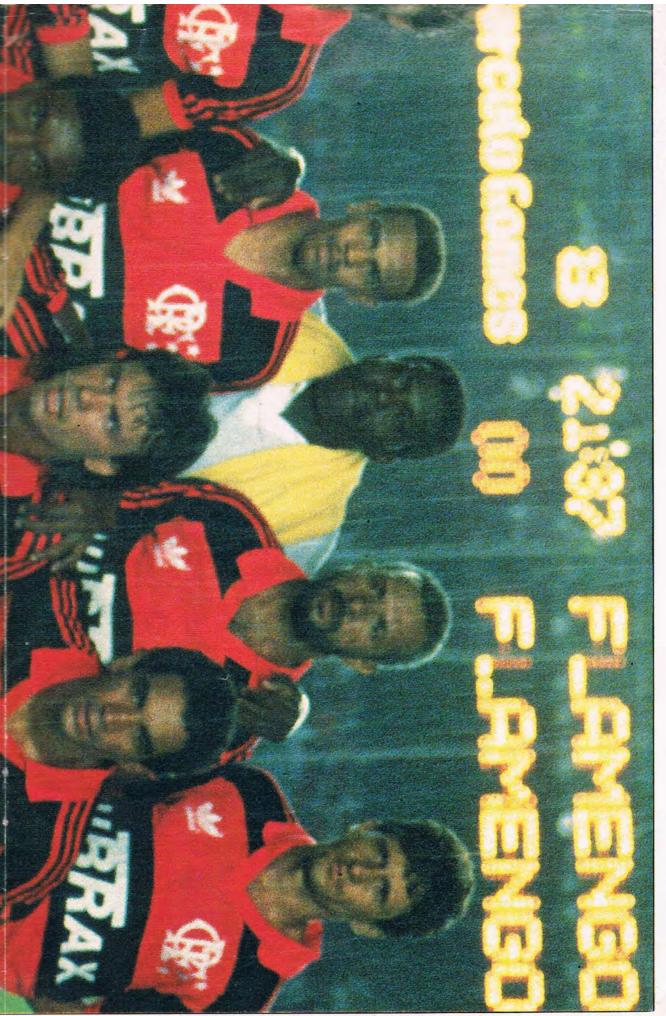
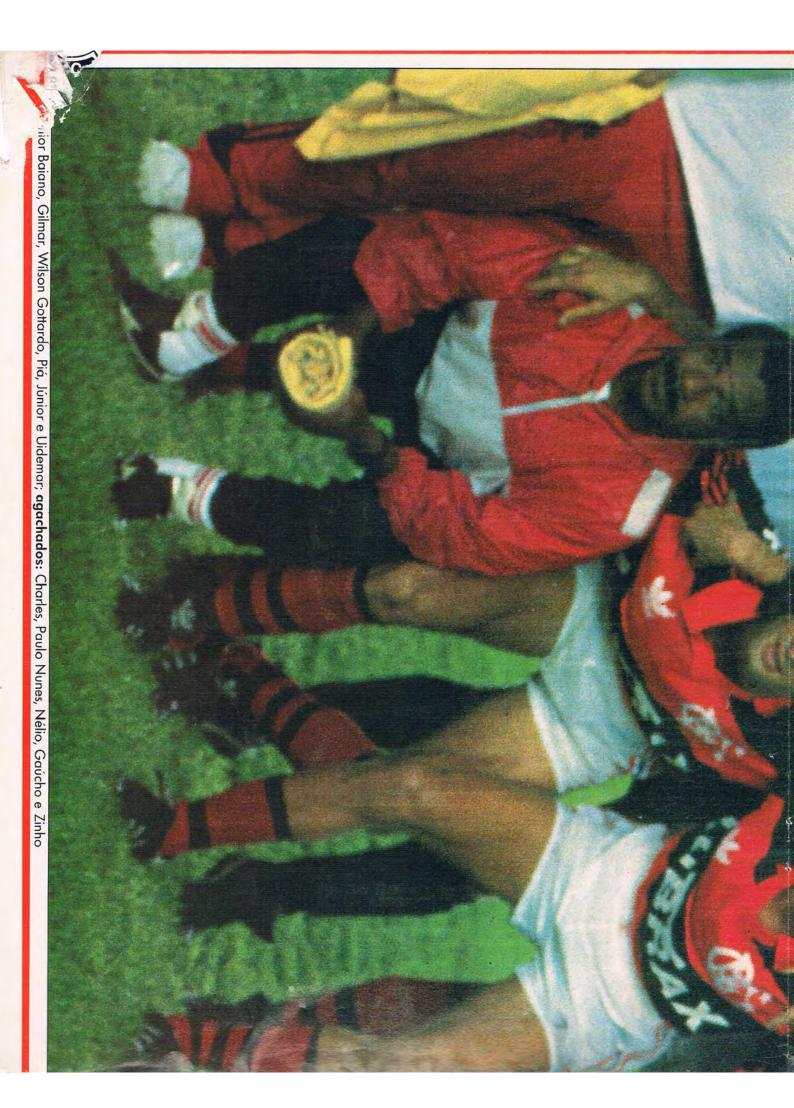
Mas não foi apenas marcando que Gaúcho demonstrou sua importância. Aos mais novos distribuiu conselhos e foi, ao lado de Júnior, o líder do elenco. Tanto que recebia beijos dos companheiros durante as comemorações de gols. Uma alegria que deixava claro que, apesar do nome, o centroavante tinha tudo a ver com a torcida rubro-negra. Sem dúvida, é um goleador tipicamente carioca.

A GALERA VIBROU COM TODA RAZÃO

1.º TURNO
Flamengo 5 x América 3
Itaperuna 1 x Flamengo 1
América-TR 2 x Flamengo 2
Bangu 0 x Flamengo 1
Fluminense 2 x Flamengo 1
Flamengo 2 x Americano 0
Flamengo 2 x Portuguesa 1
Flamengo 1 x Volta Redonda 0
Flamengo 2 x Vasco 1
Campo Grande 1 x Flamengo 1
Botafogo 1 x Flamengo 2
2.º TURNO
Flamengo 2 x Bangu 1
Americano 1 x Flamengo 1
Goytacaz 1 x Flamengo 2
América 0 x Flamengo 1
Flamengo 3 x Itaperuna 0
Flamengo 2 x América-TR 0
Flamengo 0 x Fluminense 0
São Cristóvão 0 x Flamengo 2
Vasco 0 x Flamengo 2
Flamengo 1 x Campo Grande 0
Botafogo 2 x Flamengo 2
FINAL — 2.º TURNO
Flamengo 1 x Botafogo 0
FINAIS
Fluminense 1 x Flamengo 1
19/dezembro/91
FLAMENGO 4 x FLUMINENSE 2
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); **Juiz:** Cláudio Vinicius Cerdeira; **Renda:** Cr$ 247 636 000; **Público:** 49 975; **Gols:** Ézio 37 do 1.º; Uidemar 12, Gaúcho 25, Zinho 32, Ézio 33 e Júnior 38 do 2.º; **Cartão amarelo:** Marcelo Gomes, Renato, Zinho, Gilmar e Nélio; **Expulsão:** Carlos Itaberá e Pires
FLAMENGO: Gilmar, Charles, Júnior BaiWilson Gottardo e Piá; Uidemar, Júnior e Zinho; Paulo Nunes, Gaúcho e Nélio (Marcelinho). **Técnico:** Carlinhos
FLUMINENSE: Ricardo Pinto, Carlos ItaSandro, Júlio Alves e Marcelo Barreto; Pires, Marcelo Gomes e Ribamar (Marcelo Ribeiro); Bobô (Márcio), Renato e Ézio. **Técnico:** Edinho

FLAMENGO Campeão Cari

...nior Baiano, Gilmar, Wílson Gottardo, Piá, Júnior e Uidemar; **agachados:** Charles, Paulo Nunes, Nélio, Gaúcho e Zinho

CAMPEÃO MINEIRO

ATLÉTICO

UMA VITÓRIA DE VELHOS HERÓIS

João Leite, Edivaldo e Sérgio Araújo estavam de novo com a camisa do Galo. E, com eles, a hegemonia em Minas voltou para a Vila Olímpica

A conquista do trigésimo quarto título mineiro do Atlético teve o doce sabor dos velhos tempos. De repente, como em um retorno ao passado, lá estavam os ídolos João Leite e Edivaldo, além do ponta Sérgio Araújo, dando a volta olímpica no Mineirão, depois da vitória por 2 x 0 sobre o Democrata de Governador Valadares.

"Voltei para casa, onde meu futebol ganhará ainda muitos anos de vida", festejava o goleiro João Leite. A mesma alegria demonstrava o ex-ponta-esquerda Edivaldo, hoje jogando na meia. "Eu disse que viria para ser campeão", orgulhava-se, vingado de sua apagada passagem pelo Palmeiras.

A euforia se justificava. Até a volta dos veteranos, o Galo parecia um time esquálido ante o poderio do arquiinimigo Cruzeiro, campeão do ano passado. De fato, nos primeiros jogos do campeonato, o Galo não foi bem, mas deu para se classificar em primeiro no Grupo A, onde oito times buscavam um lugar no hexagonal decisivo. "Difícil mesmo, naquela época, foi segurar as críticas da imprensa e da torcida", conta o jovem meio-campo Moacir. "Foi aí que decidimos diminuir a carga de exercícios", constatou o preparador físico Cláudio Café.

Mais do que a precária condição física, porém, o que atrapalhava a busca do caneco era a falta de alguém que armasse o jogo com inteligência no ataque. Jair Pereira foi o primeiro a perceber isso, ao indicar a recontratação do ponta Edivaldo, bicampeão pelo Galo em 1985 e 1986. Ele chegou para o hexagonal e, junto com Edmar, Zé Carlos (ex-Bahia) e o artilheiro Edu Lima, resolveu o problema.

Os 2 x 0 impostos ao Cruzeiro, ainda no primeiro turno das finais, foram justamente o que o time precisava para deslanchar de vez. A van-

FOTOS NELIO RODRIGUES

Ao lado, Zé Carlos, braços erguidos, comemora junto à torcida o primeiro gol, que abriu caminho para a vitória sobre o Democrata. Abaixo, é a vez de Aílton correr para a massa, depois de marcar o segundo e despachar o valente time do interior

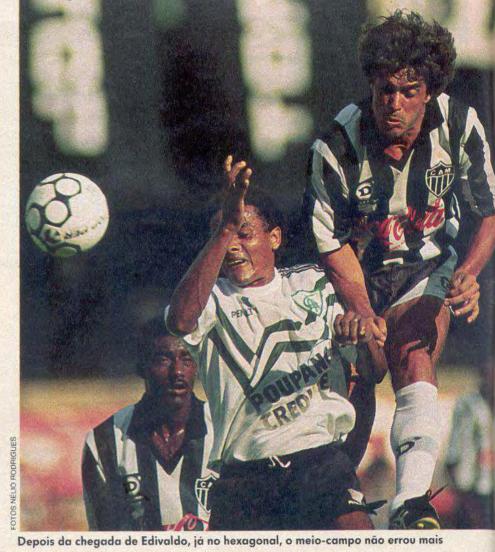
ATLÉTICO

tagem de dois pontos sobre o rival não se desfez mais até a penúltima rodada, quando o Atlético entrou em campo para enfrentar o Democrata de Governador Valadares, na quarta-feira, 11 de dezembro.

Os quase 30 mil atleticanos que foram ao Mineirão nesta noite estavam certos do título. Jair Pereira orientou o time para "dar um choque elétrico" logo de cara no valente time do interior. Zé Carlos, campeão brasileiro pelo Bahia, que veio do Inter para o Atlético, fez o primeiro, com um tiro de fora da área, e Aílton completou a festa ainda no fim do primeiro tempo.

O jogo com o Cruzeiro, na última rodada, transformou-se em mero cumprimento de tabela, um tira-teima entre os campeões do Estado e da Supercopa da Libertadores. Qualquer que fosse o resultado, porém, uma verdade já havia sido levantada dias antes pelo ponta Sérgio Araújo, que, em meio às comemorações, decretou: "Mostramos que ainda somos os melhores de Minas". Como nos velhos e bons tempos.

FOTOS NÉLIO RODRIGUES

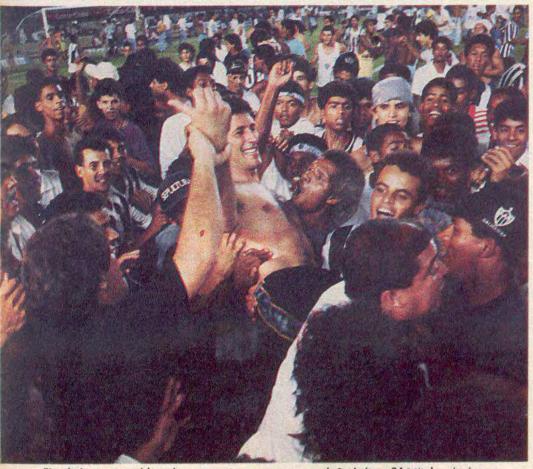
Depois da chegada de Edivaldo, já no hexagonal, o meio-campo não errou mais

Misturando a experiência de Sérgio Araújo (acima) com a juventude de Moacir (ao lado), o Galo acertou na receita

O ARTILHEIRO

EDU LIMA VOLTA ÀS ORIGENS COM GOLS

Antes de chegar ao clube, emprestado pelo Inter de Porto Alegre até o final do ano, **EDU LIMA**, *o artilheiro do Galo com doze gols, amargou maus momentos. Desvalorizado no colorado, entrou nas negociações como parte do pagamento do passe do centroavante Gérson. Ao chegar em Belo Horizonte, no entanto, sabia o que queria. "Vim atrás de minhas raízes", dizia ele, que começou e foi campeão mineiro no Cruzeiro, em 1984.*

Na época, os próprios atleticanos consideravam-no pouco valente, mas, em sua volta, Edu Lima surpreendeu muita gente. Exímio cobrador de faltas, teve todo o apoio do técnico Jair Pereira, que sempre preferiu jogar com os dois pontas abertos. "Ele mereceu dar a volta por cima", elogia o treinador. E não é para menos: terminar o ano como o goleador de uma equipe que tem nomes como Sérgio Araújo, Edmar e Edivaldo não é pouca coisa.

Desprestigiado no Inter, Edu Lima achou o caminho das redes no Atlético

Fim de jogo, a torcida vai comemorar em campo com João Leite o 34.° título mineiro

A CAMPANHA

GALO FORTE NA CHEGADA

FASE CLASSIFICATÓRIA
Democrata-GV 1 x Atlético 1
Atlético 2 x Juventus 1
Atlético 1 x Ipiranga 1
Atlético 2 x Ribeiro Junqueira 0
Democrata-SL 0 x Atlético 0
Flamengo 1 x Atlético 7
Valério 0 x Atlético 0
Atlético 0 x Democrata-GV 0
Ipiranga 0 x Atlético 0
Atlético 2 x Democrata-SL 0
Juventus 0 x Atlético 3
Ribeiro Junqueira 0 x Atlético 2
Atlético 1 x Flamengo 0
Atlético 0 x Valério 1
HEXAGONAL
1.° TURNO
Atlético 3 x Rio Branco 1
Democrata-GV 0 x Atlético 2
Atlético 0 x América 1
Atlético 5 x Esportivo 1
Cruzeiro 0 x Atlético 2
2.° TURNO
Esportivo 0 x Atlético 0
Rio Branco 0 x Atlético 0
América 1 x Atlético 1

11/**dezembro**/91
ATLÉTICO 2 x DEMOCRATA-GV 0
Local: Mineirão (Belo Horizonte); **Juiz:** Marco A. Lopes dos Santos; **Renda:** Cr$ 49 069 500; **Público:** 28 431; **Gols:** Zé Carlos 25 e Ailton 44 do 1.°; **Cartão amarelo:** Élder, Edinho, Valmir e Alfinete
ATLÉTICO: João Leite, Alfinete, Cléber, Tobias e Paulo Roberto; Éder Lopes, Moacir e Zé Carlos (Amauri); Sérgio Araújo (Renatinho), Ailton e Edu Lima. **Técnico:** Jair Pereira
DEMOCRATA-GV: Sílvio, Coqui, Parreira, Valmir e Baiano; Páscoa (César), Amando e Marcelo Alves; Edinho (Paulo Sérgio), Gilmar e Élder. **Técnico**: José Maria Pena
Atlético 1 x Cruzeiro 0

ATLÉTICO Campeão Mine

pé: João Leite, Tobias, Cléber, Alfinete, Éder Lopes e Paulo Roberto; **agachados:** Sérgio Araújo, Moacir, Aílton, Zé Carlos e Edivaldo

eiro 91

GUES

INTERNACIONAL

NO CAMPO E NO TAPETÃO

Melhor time do campeonato, o Inter ganhou o título na bola e no tribunal

ADOLFO GERCHMANN

O ex-vascaíno Célio vive uma grande fase no colorado e foi considerado o melhor jogador do campeonato

NICO ESTEVES

Peça importante do ataque, o ex-gremista Cuca se deu ao luxo de perder dois gols no último jogo da decisão

ADOLFO GERCHMANN

O mineiro Marquinhos comemora com...

A felicidade colorada não decorre apenas da conquista do título de campeão gaúcho, que a torcida não comemorava desde 1984, mas também porque essa virada coincidiu com o ano mais desgraçado da vida do Grêmio. Em sua descida escada abaixo, o odiado rival foi humilhado em tudo o que disputou em 1991: caiu para a Segunda Divisão do Campeonato Brasileiro, perdeu a Copa do Brasil para o Criciúma e foi eliminado da Supercopa pelo River Plate logo na primeira rodada. Coube ao Interna-

...os companheiros. Os críticos são unânimes: sua presença no meio-campo foi fundamental

cional lhe despedaçar o sonho restante, o de ser heptacampeão gaúcho — e a golpes de penico, como lembravam os enlouquecidos torcedores à saída do Beira-Rio, no domingo 15 de dezembro.

Naquela tarde, com um simples 0 x 0, o Inter acabava de conquistar um título merecidíssimo após disputar quatro Gre-Nais em duas semanas — três no campo e um no tapetão. Nos gramados, venceu o primeiro, no Olímpico (1 x 0, gol de Alex, o Touro Indomável), perdeu o segundo (0 x 2, no Beira-Rio) e, no terceiro, apenas administrou a vantagem de cinco pontos sobre o rival, construída nas duas fases anteriores da competição. Quanto à chamada batalha dos urinóis, foi disputada por insistência do Grêmio, a três dias da decisão, no TJD.

Acontece que a Federação determinara a realização de exames antidoping no primeiro clássico — por pressão do tricolor, num mero lance de guerra psicológica — e o presidente colorado José Asmuz impediu que seus jogadores escolhidos, Célio e Simão, cedessem o xixi. De fato, o regulamento não exigia esse exame, mas até que a Justiça Desportiva desse ganho de causa ao Inter se passaram onze dias de bate-boca, período em que o Grêmio cresceu. A tricolagem martelou os ouvidos colorados com gritos de campeão e, após a vitória no segundo confronto, fez até volta olímpica no Beira-Rio, erguendo uma taça de glórias passadas tirada do armário.

"Eu olhava o time deles fazendo volta olímpica e pensava: 'Que

INTERNACIONAL

FOTOS NICO ESTEVES

A defesa colorada, um conjunto compacto e sólido, não deu mole: em 26 jogos tomou só dezenove gols

palhaçada. Vão perder o título por causa disso' '', relembra o goleiro Fernandez, *El Gato*. Perderam. No domingo seguinte, a garra e a humildade eram aliadas do Inter, cujo técnico, Cláudio Duarte, trocou o ponta Alex pelo volante Júlio para bloquear os caminhos das estrelas tricolores Renato, Caio e Alcindo. Fechadinho, o Inter só subia na boa, e esfrangalhava os nervos do adversário — Renato, João Marcelo e Lira acabaram expulsos. No fim, a vitória até teria vindo, se Cuca convertesse os dois gols feitos que perdeu.

Um dos heróis daquela tarde foi Alex, que entrou no segundo tempo e, dez minutos depois, provocou um rolo com Renato. Resultado: os dois expulsos. "Acho que quem saiu perdendo foram eles", divertia-se o humilde Alex (salário de 750 mil cruzeiros, cem vezes menor que o do fulgurante astro do Botafogo emprestado ao Grêmio por três meses). Na verdade, nos Gre-Nais, Alex foi mais do que Renato: marcara o gol da vitória no primeiro clássico, em pleno Olímpico, aparando cruzamento de Daniel. Ao longo da competição, porém, mais dois outros jogadores já haviam ganho abrigo no coração dos colorados: Célio e Marquinhos.

Alex: herói ao ser expulso com Renato

O zagueiro-central Célio, ex-Vasco, transformou-se na muralha que fez da defesa vermelha uma das menos vazadas do campeonato, com dezenove gols em 26 jogos. Elástico, viril e com grande impulsão, ele ainda marcou gols decisivos em quatro partidas consecutivas das semifinais — duas contra o Brasil e duas contra o Juventude. A imprensa gaúcha elegeu-o o craque do campeonato, com justiça.

O meia Marquinhos, trazido do Atlético, deu o toque de classe que faltava ao meio-campo e apontou os caminhos trilhados pelo ataque mais eficiente do certame, com 46 gols. Por tudo isso, e por ter mantido a regularidade mesmo quando trocou de técnico — Abel Braga por Cláudio Duarte, ainda na Fase Preliminar —, o Inter mereceu o título. Como dizia o negrão que agitava sua bandeira na Rua da Praia, já tarde da noite: "Com xixi ou sem xixi, o campeão é esse aqui".

Artilheiro do time, com dez gols, Lima foi um leão no último Gre-Nal até se machucar

O ARTILHEIRO

LUTANDO PARA FAZER A MASSA FELIZ

Lesionado, ele não participou do primeiro Gre-Nal decisivo. Às vésperas do segundo, criou um caso para começar jogando, mesmo que estivesse fora de forma, e só entrou nos últimos minutos. No terceiro, finalmente, surgiu em campo com a camisa 9 e lutou como um tigre ferido até voltar a sentir o músculo da coxa. As duas semanas de decisão do Campeonato Gaúcho foram de fato um período penumbroso para Adesvaldo José de Lima, 29 anos, o **LIMA**, *centroavante sul-mato-grossense que o Internacional foi buscar no Benfica, em janeiro passado, depois que elē brilhara no Grêmio por três anos. "As pessoas demoraram a entender a minha revolta antes do segundo clássico. Eu queria fazer a massa colorada feliz", desabafa Lima, o artilheiro do Internacional no campeonato, com dez gols (o do Grêmio, Alcindo, marcou sete, e o da competição toda, Gélson, do Lajeadense, dezessete).*

De qualquer forma, o atacante colorado cumpriu a sua missão: marcou gols importantíssimos ao longo da campanha e, na partida final, manteve os corações tricolores palpitando de temor. "Agora, quero ficar aqui para ser bicampeão", implora Lima, torcendo para que o Internacional renove seu empréstimo junto ao campeão português.

Terminado o segundo Gre-Nal, os tricolores deram até volta olímpica, apostando que ganhariam no tapetão. Erraram e tiveram que ouvir gozações coloradas na "guerra do xixi"

ADOLFO GERCHMANN

A CAMPANHA

JOGO A JOGO, EIS O MELHOR

FASE PRELIMINAR
Inter 3 x Taguá 1
Inter 6 x Passo Fundo 1
Guarany (C. Alta) 1 x Inter 1
Inter 1 x Brasil 0
Inter 2 x Glória 0
Juventude 1 x Inter 2
Inter 1 x Novo Hamburgo 1
Guarani (V. Aires) 1 x Inter 0
Inter 1 x Lajeadense 0
Grêmio 2 x Inter 1
São Paulo 1 x Inter 2
Inter 1 x Ypiranga 1
Caxias 1 x Inter 1
Inter 1 x Pelotas 1
Inter 3 x Dínamo 0
Santa Cruz 0 x Inter 0
Inter 3 x Esportivo 0
Inter 4 x São Luís 0
Aimoré 1 x Inter 2
SEMIFINAIS
Guarani (V. Aires) 1 x Inter 2
Inter 2 x Brasil 1
Juventude 1 x Inter 1
Inter 1 x Juventude 0
Brasil 1 x Inter 1
Inter 2 x Guarani (V. Aires) 0
FINAIS
Grêmio 0 x Inter 1
Inter 0 x Grêmio 2

15/dezembro/91
INTERNACIONAL 0 X GRÊMIO 0
Local: Beira-Rio (Porto Alegre); **Juiz:** Carlos Sergio Rosa Martins; **Renda:** Cr$ 152 176 800; **Público:** 39 168; **Expulsão:** Renato, Alex, João Marcelo e Lira
INTERNACIONAL: Fernandez, Luiz Carlos Winck, Célio, Nórton e Daniel; Júlio, Marquinhos (Cuca), Simão e Luís Fernando; Lima (Alex) e Édson. Técnico: Cláudio Duarte
GRÊMIO: Émerson, Chiquinho, João Marcelo, Vilson e Lira; Jandir (Márquez), Pino, Caio e Assis; Renato e Alcindo (Júnior). Técnico: Valdir Espinosa

INTERNACIONAL Campe

Em pé: Luiz Carlos Winck, Célio, Fernandez, Júlio, Nórton e Daniel; agachados: Luís Fernando, Simão, Lima, Marquinhos e [illegible]on

...eão Gaúcho 91

PLACAR

NICO ESTEVES

CAMPEÃO BAIANO

BAHIA

A BAHIA DE NOVO TRICOLOR

Depois de passar dois anos em jejum, o Bahia massacra os adversários com um ataque impiedoso e chega a mais um título com todas as sobras

Com o grito de campeão engasgado na garganta há dois anos, o povão começou a festa no próprio gramado

Foram dois anos de jejum. Um tempo aparentemente curto, mas que parecia uma eternidade para cada coração tricolor. Afinal, desde que o Bahia resolveu voar alto, conquistando o Brasileiro de 1988, nunca mais a Boa Terra teve o prazer de ser dominada pelo futebol irreverente de seu principal time. E, pior do que não conseguir ser grande o suficiente para inundar o Brasil com a alegria baiana, era ver o inimigo Vitória dominando o Estado. Por isso, assim que o juiz José Roberto Wright apitou o fim do jogo contra o Fluminense de Feira, a Fonte Nova explodiu de emoção.

No início da campanha, no entanto, o grito de campeão estava incontido na garganta como nunca estivera antes. Não foi por acaso, portanto, que o clube não deu chance a nenhum adversário. Dos quatros turnos previstos no regulamento, o time venceu três e só não repetiu a histórica campanha de 1977, quando ganhou as quatro etapas do campeonato, porque excursionou ao Gabão no terceiro turno. O time perdeu apenas duas vezes — para Jacuipense e Fluminense — e terminou o campeonato com o melhor ataque: 65 gols, média de 1,91 por partida.

A campanha ficou ainda mais fácil devido à má fase do Vitória. Disposto a punir os jogadores pelo rebaixamento no Campeonato Brasileiro, o presidente Paulo Carneiro promoveu uma liquidação no elenco. Sorte do tricolor, que pôde vingar todos os pecados rubro-negros nos dois anos em que dominou a Bahia. Em seis Ba-Vis, ganhou três vezes e empatou outras três.

E não era preciso análises muito profundas para entender a superioridade do Bahia. Bastava olhar seu elenco. Na mesma equipe estavam reunidas a inteligência e habilidade de Luís Henrique, a velocidade de Naldinho e o oportunismo de Vandick. Para melhorar, o talento parecia explodir nos momentos essenciais. "Fiz gols em todas as finais de turno e nos jogos da decisão contra o Fluminense", gabava-se Vandick, artilheiro do campeonato com 21 gols.

O único problema foi o prejuízo

Luís Henrique manteve sempre a regularidade e foi um dos destaques do time tricolor

FOTOS RICARDO CORRÊA

Boa parte dos gols da equipe saiu dos pés do pequeno, rápido e hábil ponta Naldinho

BAHIA

FOTOS RICARDO CORRÊA

Se seu ataque foi massacrante, o Bahia teve também uma defesa que não deu moleza, como o lateral-direito Mailson

financeiro. A confusa fórmula de disputa do campeonato provocou um prejuízo de 125 mil dólares aos cofres do Bahia. Na final, contra o Fluminense de Feira de Santana, apenas 17 mil apaixonados tricolores assistiram ao baile de bola que terminou com um delicioso 3 x 0. Afinal, a decisão previa a possibilidade de até quatro jogos e o Bahia, que só dependia de dois pontos, decidiu resolver a questão na terceira partida — as outras terminaram em 3 x 2 para o Fluminense, em Salvador, e 1 x 1, em Feira de Santana.

Pena apenas que o público tenha sido tão pequeno na final, a ponto de quebrar a tradição do trio elétrico seguir até a Colina Sagrada para a torcida agradecer ao Senhor do Bonfim. Dessa vez a festa foi em frente à Fonte Nova, desmentindo a frase de Caetano Veloso, que diz que atrás do trio elétrico só não vai quem já morreu. O futebol baiano está mais vivo do que nunca. Afinal, ele reaprendeu o mágico prazer de ver o Bahia reinar em seus campos.

O ARTILHEIRO

O PRAZER DE GRITAR GOL

Alagoinhas nasceu para dar craques ao Bahia. Primeiro foi o ídolo Bobô, principal jogador do time entre 1983 e 1989. Depois o meia Luís Henrique, hoje titular da Seleção. Agora é a vez do centroavante **VANDICK**, *comprado à Catuense e que se transformou em artilheiro do Campeonato Baiano de 1991, com 21 gols em 34 jogos.*

Não foi à toa que, mesmo nos tempos em que defendia a Catuense, esse centroavante oportunista chamou atenção de clubes de maior expressão e chegou a ter passagens, mesmo que discretas, pelo Flamengo do Rio de Janeiro e pelo Náutico do Recife, antes de defender o tricolor.

Mesmo assim, Vandick teve de superar a desconfiança dos torcedores para vestir a camisa 9, que foi de Charles até o início do ano. No começo do campeonato, o titular da posição era o jovem Marcelo. Mas bastou Vandick entrar em campo para deixar claro que o comando do ataque tinha um novo dono — um artilheiro capaz de reviver a tradição dos maiores goleadores tricolores e de devolver ao Bahia o pazer de gritar "campeão".

Jogador de Alagoinhas sempre acerta no tricolor. O artilheiro Vandick confirmou a tradição

O torcedor-símbolo Lourinho riu à toa

A CAMPANHA

MASSACRE DO INÍCIO AO FIM

1.º TURNO
Bahia 4 x Itabuna 0
Bahia 3 x Galícia 1
Bahia 1 x Atlético 0
Bahia 2 x Fluminense 0
Vitória 0 x Bahia 0
Bahia 2 x Vitória 0
Fluminense 0 x Bahia 0
Bahia 2 x Fluminense 1

2.º TURNO
Bahia 3 x Ypiranga 0
Bahia 0 x Vitória 0
Bahia 6 x Serrano 0
Jacuipense 0 x Bahia 2
Catuense 0 x Bahia 0
Vitória 0 x Bahia 3
Bahia 1 x Vitória 1
Catuense 0 x Bahia 0
Bahia 3 x Catuense 2

3.º TURNO
Itabuna 0 x Bahia 1
Fluminense 0 x Bahia 0
Bahia 4 x Atlético 1
Galícia 0 x Bahia 2
Jacuipense 3 x Bahia 1
Bahia 2 x Jacuipense 2

4.º TURNO
Jacuipense 0 x Bahia 2
Bahia 2 x Ypiranga 0
Bahia 4 x Catuense 2
Vitória 0 x Bahia 0
Serrano 0 x Bahia 1
Serrano 0 x Bahia 1
Bahia 3 x Serrano 3
Vitória 1 x Bahia 3
Bahia 1 x Vitória 0

FINAIS
Bahia 2 x Fluminense 3
Fluminense 1 x Bahia 1

12/dezembro/91
BAHIA 3 X FLUMINENSE 0
Local: Fonte Nova (Salvador); **Juiz:** José Roberto Wright; **Renda:** Cr$ 50 402 000; **Público:** 17 634; **Gols:** Naldinho 9, Luís Henrique 16 e Vandick 38 do 2.º; **Cartão amarelo:** *Jorginho, Wesley e João Luís*
BAHIA: Sérgio Nery, Maílson, Jorginho, Wágner Basílio e Paulo César; Paulo Rodrigues, Lima, Gil e Luís Henrique; Naldinho (Wesley) e Vandick. **Técnico:** Luís Antônio
FLUMINENSE: Abel, Neto (Robertinho), Augusto, Eduardo e João Luís (Ronaldo); Lima, Zelito e Osmar; Edmilson, Ronaldo e Baiano. **Técnico:** Carlos Queirós

BAHIA Campeão Baiano

Em pé: Sérgio Nery, Mailson, Jorginho, Lima, Wágner Basílio e Rau; **agachados:** Mazinho, Wesley, Luís Henrique, Wandick e Naldinho

RICARDO CORRÊA

CRUZEIRO ESPORTE CLUBE

CRUZEIRO

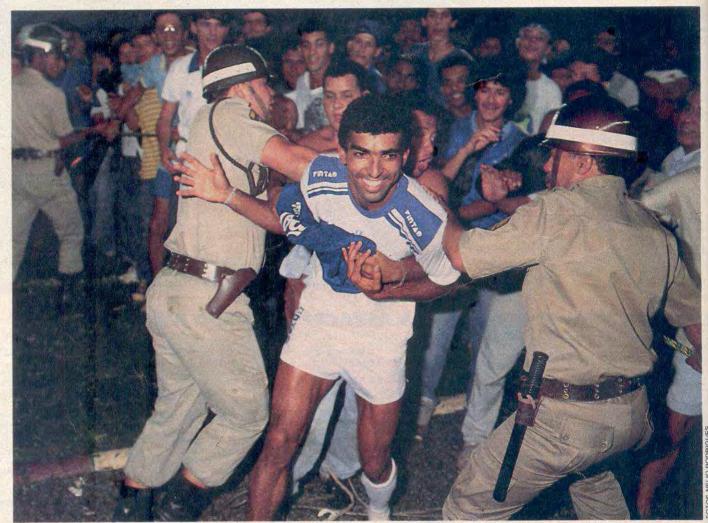
UM TÍTULO PARA NÃO ESQUECER

O River Plate não resistiu à raça e à categoria cruzeirenses e o Mineirão, em seus 26 anos de existência, jamais viu um time ganhar um título tão importante

A noite de 20 de novembro estava marcada para entrar na história do Mineirão. Afinal, o estádio jamais havia assistido a um time mineiro sagrar-se campeão brasileiro em seus 26 anos de existência. Muito menos internacional. Por isso, quando o juiz apitou o final de Cruzeiro 3 x River Plate 0, a torcida enlouqueceu. O campo foi invadido e os heróis da conquista tiveram seus uniformes arrancados e disputados aos pedaços como verdadeiros troféus. Vários jogadores deixaram o gramado apenas de sunga, como o capitão Ademir.

Quem, no entanto, assistiu à primeira partida do Cruzeiro no mesmo Mineirão pela Supercopa dos Campeões da Libertadores duvidou que a equipe pudesse chegar ao título. O time mal passou de um minguado 0 x 0 contra o Colo-Colo, do Chile. ''Mas a confiança depositada no elenco nos deu força'', recorda o meia Marco Antônio Boiadeiro, um gigante na hora de segurar o 0 x 0 no jogo de volta, em Santiago, o que levou a partida para os pênaltis — um drama que perseguia os cruzeirenses há muito tempo. ''Treinamos duro, até perder o medo de errar'', lembra o zagueiro Paulão, que garantiu o passaporte para a outra fase na última cobrança.

Veio o Nacional, do Uruguai, e aí, sim, a torcida sentiu firmeza: Cruzeiro 4 x 0. Na partida de volta, contudo, quase que a goleada anterior vai por água abaixo: Nacional 3 x 0. Mesmo derrotado, o Cruzeiro foi em frente, para pegar o Olimpia,

FOTOS NELIO RODRIGUES

Depois de fazer os argentinos correrem atrás dele sem sucesso, Mário Tilico tenta escapar da torcida louca de alegria

Tilico e Charles
incendiaram
o Mineirão com
um futebol rápido
e objetivo

CRUZEIRO

do Paraguai. No primeiro jogo, no Mineirão, o empate de 1 x 1 beneficiou os paraguaios. No entanto, o Cruzeiro, em Assunção, garantiu o 0 x 0 e depois, nos pênaltis, venceu por 5 x 4.

Pronto, agora só faltava o River Plate. O primeiro round, em Buenos Aires, os gringos venceram: 2 x 0. "Na partida do Mineirão, pedi a Deus para nos ajudar a não desapontar aquela maravilhosa torcida", confessou o meio-campo Ademir, autor do gol inicial, aos 35 de jogo. "Pensei na hora: vamos ser campeões", diz o volante. Este, aliás, era o único pensamento do time e também do técnico Ênio Andrade, que mandou trocar todos os gandulas do estádio por doze jogadores das equipes inferiores. "Não podíamos perder tempo na reposição das bolas", explicaria mais tarde. Os argentinos não têm, porém, do que reclamar. O Cruzeiro foi sempre melhor e mereceu como ninguém o título inédito de supercampeão das Américas.

FOTOS NÉLIO RODRIGUES

Ademir (5) comemora o primeiro gol. Era o início da grande festa

O ARTILHEIRO

EXIBIÇÕES DE UM MILHÃO DE DÓLARES

*Quando deixou o Bahia em janeiro de 1991, o centroavante **CHARLES** estava certo de que iria aparecer mais vestindo a camisa do Cruzeiro. A responsabilidade era grande, já que seu passe custara um milhão de dólares ao clube mineiro, mas ainda assim estava animado. No campeonato estadual, porém, decepcionou, marcando apenas quatro vezes. Além disso, contundiu-se e ficou de moral baixo. Assim, a Supercopa foi para ele a grande chance de mostrar o que valia. "Eu precisava exibir o meu futebol", dizia logo após a conquista do título. Seus três gols contra o Nacional, na goleada de 4 x 0, e uma exibição de gala na final contra o River o deixaram quite com a torcida.*

A CAMPANHA

A PROVA DA COMPETÊNCIA

Ênio: truques de bruxo

Cruzeiro 0 x Colo-Colo (CHI) 0
Colo-Colo (CHI) 0 x Cruzeiro 0
(Nos pênaltis, Cruzeiro 4 x 3)
Cruzeiro 4 x Nacional (URU) 0
Nacional (URU) 3 x Cruzeiro 0
Cruzeiro 1 x Olimpia (PAR) 1
Olimpia (PAR) 0 x Cruzeiro 0
(Nos pênaltis, Cruzeiro 5 x 4)
River Plate 2 x Cruzeiro 0

FINAL

20/novembro/91

CRUZEIRO 3 X RIVER PLATE 0

Local: Mineirão (Belo Horizonte); Juiz: Hernán Silva (Chile); Renda: Cr$ 218 402 000; Público: 67 279; Gols: Ademir 35 do 1.º; Mário Tilico 7 e 30 do 2.º; Cartão amarelo: Paulão

CRUZEIRO: Paulo César, Nonato, Paulão, Adilson e Célio Gaúcho; Ademir, Marco Antônio Boiadeiro e Luís Fernando (Macalé); Mário Tilico (Paulinho), Charles e Marquinhos. Técnico: Ênio Andrade

RIVER PLATE: Comizzo, Gordillo, Higuain, Rivarola e Carlos Enrique; Zapatta (Toresani), Hernán Díaz (Berti), Astrada e Borrelli; Medina Bello e Ramón Díaz. Técnico: Daniel Passarella

CRUZEIRO Campeão da S

Em pé: Ademir, Nonato, Paulão, Adílson, Célio Gaúcho e Paulo César; agachados: Mário Tilico, Marco Antônio Boiadeiro, Charles, Luís Fernando e Marq

Supercopa 91

quinhos

SPFC

SÃO PAULO

DOIS É BOM, TRÊS É DEMAIS!

O tricolor teve três chances seguidas para levantar seu terceiro título nacional. Na última, não deixou que ele escapasse

O primeiro sinal de que, desta vez, o São Paulo entrava no Campeonato Brasileiro disposto a tudo para não morrer na praia partiu do próprio Morumbi, e soava como uma ameaça aos demais concorrentes. "Vamos chegar novamente. E vai ser para levar", avisava o goleiro Zetti, antes mesmo do início do campeonato.

Quando os adversários perceberam que nem ele nem seus companheiros estavam brincando, já era tarde. O São Paulo, que havia disputado as finais de 1989, contra o Vasco, e 1990, contra o Corinthians, chegava pela terceira vez seguida — um recorde na história do campeonato — à decisão do Brasileiro, agora contra o Bragantino. "Nosso grande trunfo é justamente esse: chegar às finais todos os anos", valorizava o feito o volante Bernardo, hoje no Bayern de Munique. Uma maneira inteligente de transformar em virtudes as derrotas nos anos anteriores.

Ao contrário das outras vezes, porém, o tricolor não deixaria escapar esta terceira chance. Com Zé Teodoro e Ricardo Rocha reintegrados à equipe, mais Antônio Carlos mostrando um futebol amadurecido e Müller de volta ao futebol brasileiro, chegar à final foi até mais fácil que em 1989 e 1990. Em parte, também, graças às jogadas arquitetadas pelo técnico Telê Santana e executadas com perfeição pelo lateral Leonardo. Nem mesmo o início capenga da campanha, com derrotas seguidas para Flamengo e Santos, abateu os tricolores. Todos sabiam que, no fim, o São Paulo chegaria lá outra vez.

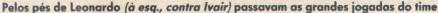
À medida que a final se aproximava, esta certeza passou a tomar conta também dos desesperados inimigos. O ex-são-paulino Bobô, por

NELSON COELHO

Zé Teodoro, Antônio Carlos e a volta de uma rotina: a taça de campeão brasileiro

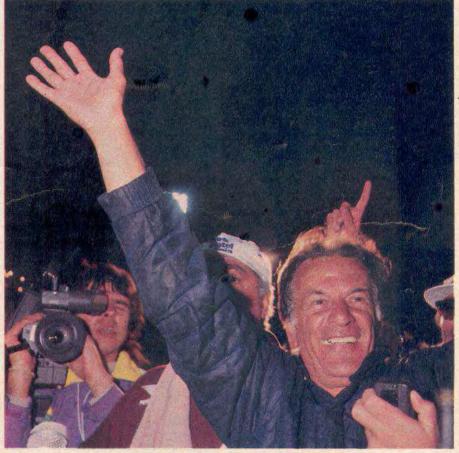
SÃO PAULO

RICARDO CORRÊA

Pelos pés de Leonardo *(à esq., contra Ivair)* passavam as grandes jogadas do time

Mário Tilico liquida o Braga e antecipa...

exemplo, ao ver seu Fluminense eliminado da decisão pelo valente Bragantino, não teve dúvidas em apontar um favorito. "O Braga é uma equipe arrumadinha, certinha, que joga um futebol moderno", elogiava. "Mas ainda aposto tudo no São Paulo."

O futuro lhe daria razão. No primeiro jogo, no Morumbi, o herói da noite foi Mário Tilico (hoje no Cruzeiro), que entrou no lugar de Elivélton para marcar o gol do título. Depois, bastaria um empate na casa do adversário para levar a taça, já que o Bragantino não abriu mão do direito de decidir tudo em seu campo, o Marcelo Stéfani, em Bragança.

Isso fez com que apenas 12 492 pessoas pudessem assistir à decisão, o menor público até hoje em uma final de Campeonato Brasileiro. Só não foi o suficiente para tirar o 0 x 0 do marcador. A exemplo do que aconteceu na segunda partida contra o Atlético-MG, nas semifinais, era o que bastava ao São Paulo. Só que, agora, valia ainda mais: tinha o doce sabor de três títulos brasileiros.

Telê Santana deu a volta por cima: com o título nacional, adeus ao pé-frio

...a festa: bastou um empate em Bragança Paulista para o São Paulo colocar as faixas mais uma vez

O ARTILHEIRO

O CRAQUE QUE VIROU ARTILHEIRO

RAÍ já era há muito um dos jogadores mais festejados do elenco do São Paulo, mas ainda faltava o principal: os gols, que provocam a identificação imediata do atleta com os torcedores. Na campanha vitoriosa do São Paulo em 1991, nem isso faltou. "Decidi que neste ano passaria a fazer gols para me valorizar", conta o artilheiro do campeão, que fez sete só no Brasileiro. A promessa foi cumprida com sobras, para azar de Santos, Atlético-PR, Náutico, Sport, Grêmio, Vitória e Cruzeiro, suas vítimas no campeonato. Não satisfeito, ele continuou marcando no Campeonato Paulista, onde também foi o artilheiro do tricolor.

A CAMPANHA

O CAMINHO PARA O TRI

FASE CLASSIFICATÓRIA

Atlético-MG 0 x São Paulo 3
Flamengo 1 x São Paulo 0
São Paulo 1 x Santos 2
São Paulo 1 x Fluminense 0
São Paulo 2 x Atlético-PR 1
Náutico 2 x São Paulo 1
São Paulo 1 x Bahia 0
Goiás 1 x São Paulo 1
São Paulo 2 x Grêmio 0
Bragantino 1 x São Paulo 2
São Paulo 0 x Palmeiras 0
Corinthians 1 x São Paulo 1
São Paulo 1 x Portuguesa 0
Vasco 2 x São Paulo 2
São Paulo 2 x Sport 0
Vitória 1 x São Paulo 2
São Paulo 1 x Botafogo 0
São Paulo 3 x Cruzeiro 1
Inter-RS 1 x São Paulo 0

SEMIFINAIS

Atlético-MG 1 x São Paulo 1
São Paulo 0 x Atlético-MG 0

FINAIS

São Paulo 1 x Bragantino 0
9/junho/91
BRAGANTINO 0 X SÃO PAULO 0
Local: Marcelo Stéfani (Bragança Paulista); **Juiz:** José Roberto Wright (SP); **Renda:** Cr$ 64 650 000; **Público:** 12 492; **Cartão amarelo:** Zé Teodoro, Ricardo Rocha, Biro-Biro e João Santos
BRAGANTINO: Marcelo, Gil Baiano, Júnior, Nei e Biro-Biro; Mauro Silva, Ivair (Luís Müller), Alberto e João Santos (Franklin); Sílvio e Mazinho. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira
SÃO PAULO: Zetti, Zé Teodoro, Antônio Carlos, Ricardo Rocha e Leonardo; Ronaldo, Bernardo, Cafu e Raí; Macedo e Müller (Flávio). **Técnico:** Telê Santana

SÃO PAULO Campeão Br

Em pé: Zetti, Ronaldo, Leonardo, Ricardo Rocha, Zé Teodoro e Antônio Carlos; **agachados:** Müller, Raí, Macedo, Bernardo e Cafu

asileiro 91

NELSON COELHO

CRICIUMA E.C.

CRICIÚMA

TIGRE DE GARRA AFIADA

Com apelido de fera, a equipe catarinense morde seu primeiro título nacional e sonha com a Libertadores

Parecia um sonho. Naquela noite de 2 de junho, a torcida do Criciúma infernizou a cidade e enlouqueceu Santa Catarina com a conquista da Copa do Brasil, após um empate sem gols contra o Grêmio. Afinal, era a primeira vez que um time catarinense ganhava um título nacional e garantia uma das duas vagas para representar o Brasil na Libertadores de 1992. Por isso, no dia seguinte, foi decretado feriado municipal e os setores cerâmico e carbonífero — as duas principais fontes de renda da região — esqueciam o desemprego, o arrocho salarial e o clima de desolação econômica e aderiam à festa.

Não foi por acaso que o Criciúma chegou ao título. E os números da campanha mostram claramente isso: em dez partidas da Copa do Brasil, o time catarinense ganhou seis e empatou quatro, em exatos 100 dias de competição. A estréia não poderia ser mais humilde, com um empate sem gols contra o Ubiratan, do Mato Grosso do Sul, em Dourados. Aos poucos, porém, a equipe foi-se firmando, até eliminar adversários de expressão, como Atlético Mineiro e Goiás, antes de chegar às finais contra o poderoso Grêmio. Aí, o Tigre, como o time é carinhosamente chamado pelos torcedores devido a suas cores (preto, amarelo e branco), mostrou as suas garras — primeiro no empate de 1 x 1 em Porto Alegre e depois no novo empate em 0 x 0 em Criciúma.

Ampliando seu estádio, a cidade agora investe no sonho de ser campeã da América do Sul. Nada mais justo: o Tigre merece.

Itá ganha do gremista Maurício na final, e torcedor fantasiado faz a festa

FOTOS JOSÉ DOVAL/ZERO HORA

O ARTILHEIRO

UM MAESTRO QUE RESOLVE

ANTONIO CARLOS MAFALDA/DC

A conquista também consagrou o jogador mais habilidoso de Santa Catarina: o atacante Vitalino Adolfo Barzotto, o **GRIZZO**. *Apesar de ter feito cerca de 50 gols com a camisa do Tigre em pouco mais de três anos, esse gaúcho de Ibirubá marcou presença na Copa do Brasil como o maestro do time, organizando as jogadas, esfriando o jogo e puxando os contra-ataques. Mesmo assim, sempre esteve perto da área na hora de concluir. Com isso, marcou três gols na competição e acabou como o artilheiro da equipe.*

A CAMPANHA

UMA FAÇANHA INVICTA

1.ª FASE
Ubiratan 1 x Criciúma 1
Criciúma 4 x Ubiratan 1
2.ª FASE
Criciúma 1 x Atlético-MG 0
Atlético-MG 0 x Criciúma 1
QUARTAS-DE-FINAL
Goiás 0 x Criciúma 0
Criciúma 3 x Goiás 0
SEMIFINAIS
Remo 0 x Criciúma 1
Criciúma 2 x Remo 0
FINAIS
Grêmio 1 x Criciúma 1

2/junho/91
CRICIÚMA 0 x GRÊMIO 0
Local: Heriberto Hülse (Criciúma); **Juiz:** Cláudio Vinicius Cerdeira (RJ); **Renda:** Cr$ 21 359 090; **Público:** 19 525; **Cartão amarelo:** Sarandi, Zé Roberto, Soares, Chiquinho, João Marcelo e Donizete; **Expulsão:** Maurício e Gélson
CRICIÚMA: Alexandre, Sarandi, Vilmar, Altair e Itá; Roberto Cavalo, Gélson e Grizzo (Vanderlei); Zé Roberto, Soares e Jairo Lenzi. **Técnico:** Luís Felipe
GRÊMIO: Sidmar, Chiquinho, João Marcelo, Vilson e Hélcio; Norberto, Donizete e João Antônio; Maurício, Nando (Darci) e Caio. **Técnico:** Dino Sani

CRICIÚMA Campeão da Copa do Brasil

Primeira fila: Grizzo, Jair, Sarandi, Vanderlei, Jairo, Adilson Gomes, Roberto Cavalo, Jairo Santos, Zé Roberto e Itá; **segunda fila:** Everaldo, Vilmar, Wilson, Evandro, Évelton, Alexandre, Almir, Soares, Omar e Gélson

SPORT

DEPOIS DO SUSTO, FESTA

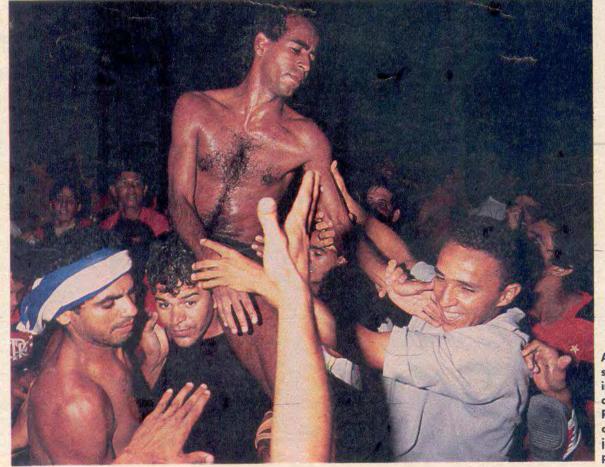
No primeiro jogo da final, quis dar olé e quase perde. Depois, o Sport não deu moleza

A vitória de 3 x 1 sobre o Náutico, até os 38 minutos do segundo tempo na primeira partida decisiva do Campeonato Pernambucano de 1991, parecia o suficiente para o Sport dar com segurança o primeiro passo rumo a seu 26.º título estadual. A superioridade rubro-negra era tão grande que, enquanto a torcida gritava ''olé'', o Náutico passou quase três minutos sem tocar na bola. De repente, porém, a hora do espanto: aos 40, o meia Fabinho descontou e, aos 46, Freitas empatou para o alvirrubro. ''Festejamos um pouco antes da hora'', reconhecia o ponta rubro-negro Dinho, perplexo.

Por isso, no segundo jogo, em seu campo, o técnico Givanildo, do Sport, não deu sopa para o azar: exigiu que seus comandados jogassem, acima de tudo, com com muita seriedade. Várias vezes campeão pernambucano como jogador, ele sabia que isso era fundamental para alcançar seu primeiro título como treinador no Estado. Em campo, o time correspondeu à expectativa com um categórico 3 x 0. ''Fizemos a melhor campanha. Seria injusto que este título fosse para outro clube'', desabafava o centroavante Hélio, autor de dois gols na última partida.

Valeu o susto. O Sport, jogando com determinação, não decepcionou os mais de dois terços dos 45 697 torcedores que compareceram à Ilha do Retiro. Um público maior que o

FOTOS RENATO DE SOUSA

Hélio corre à espera do rebote do goleiro Mauri: o Sport teve sempre a mesma fome de gols e vitórias

A torcida não se conteve e invadiu o campo da Ilha do Retiro para comemorar junto com o ponta Moura

do Fla-Flu realizado no mesmo dia e horário, no Maracanã.

Depois de 26 jogos, com apenas dois empates e quatro derrotas, seria mesmo um castigo para o Sport deixar escapar o título que não vinha desde 1988. Vencedor do primeiro turno, o rubro-negro credenciou-se por antecipação para decidir o título contra Náutico ou Santa Cruz, carregando um saldo de 72 gols para as finais.

O adversário, é verdade, construíra durante todo o ano a fama de dar a volta por cima na hora de decidir. Após uma campanha medíocre no primeiro turno e também durante toda a Primeira Fase do returno, o Náutico havia conseguido eliminar o Santa Cruz da disputa final em uma dramática prorrogação. Com um time jovem, cuja média de idade é de 23 anos, assustou o Sport até a primeira partida das finais. Mas, desta vez, o Timbu não teve forças para mudar as cores do Carnaval pernambucano — este ano, o frevo rola solto, mesmo, em vermelho e preto, as cores do grande campeão.

Valeu a insistência: Hélio deixa sua marca

O BOM ALUNO DO REI DADÁ

Ao avaliar o número de gols marcados pelo ponta **MOURA**, *artilheiro do Sport e também do Campeonato Pernambucano com 25 gols, percebe-se que ele aprendeu bem as lições do mestre Dario, o Dadá Maravilha, que foi seu técnico no Tiradentes, de Brasília, em 1987. "Hoje um ponta não precisa mais ficar limitado ao seu setor", explica. Agindo assim, Moura teve apenas um único perseguidor: o centroavante Hélio, com 21 gols, também do Sport, fechando uma temporada de muitos gols rubro-negros.*

A CAMPANHA

UMA LISTA DE GOLEADAS

1.º TURNO
Sport 5 x Ferroviário 0
Sport 1 x América 0
Sport 4 x Santo Amaro 0
Sport 2 x Náutico 0
Sport 8 x Íbis 1
Sport 3 x Santa Cruz 1
Sport 2 x Paulistano 0
Sport 2 x Desportiva 0
Sport 7 x Sete de Setembro 1
Sport 7 x Estudantes 1
Central 1 x Sport 1
Sport 2 x Atlético 0
Desportiva 3 x Sport 0
Sport 6 x Paulistano 0
Desportiva 0 x Sport 4
Sport 3 x Náutico 2

2.º TURNO
Estudantes 0 x Sport 2
Sport 1 x América 0
Sport 1 x Santa Cruz 2
Central 1 x Sport 0
Sport 3 x Desportiva 0
Paulistano 2 x Sport 3
Náutico 0 x Sport 1
Sport 8 x Estudantes 0
Sport 3 x Central 0
Desportiva 2 x Sport 2
Sport 1 x Paulistano 0
Sport 0 x Náutico 1
Sport 4 x América 0
Sport 1 x Santa Cruz 0

FINAIS
Sport 3 x Náutico 3

15/dezembro/91
SPORT 3 X NÁUTICO 0
Local: Ilha do Retiro (Recife); **Juiz:** Aristóteles Cantalice; **Renda:** Cr$ 100 241 000; **Público:** 45 697; **Gols:** Hélio 25 do 1.º; Moura 2 e Hélio 43 do 2.º; **Cartão amarelo:** Dinho, Ataíde, Moura, Neco e Lao
SPORT: Gilberto, Givaldo, Ailton, Chico Monte Alegre e Sílvio; Dinho, Ataíde e Zico; Moura, Hélio (Gilton) e Neco (Lopes). Técnico: Givanildo
NÁUTICO: Mauri, Cafezinho, Freitas, Isaías e Felício; Lúcio Surubim, Batista e Leo (Ângelo); Carlinhos (Fábio), Dinda e Lao. Técnico: Gílson Nunes

SPORT Campeão Pernambucano

PLACAR

Em pé: Givaldo, Sílvio, Aílton, Chico Monte Alegre, Gilberto e Dinho; agachados: Moura, Ataíde, Zico, Neco e Hélio

RENATO DE SOUZA

GOIÁS Tricampeão Goiano

Em pé: Adélson, Richard, Vladimir, Dalton, Albéris, Wilson, Marçal, Jorge Batata e Kléber; **agachados:** Túlio, Fagundes, Luís Carlos, Niltinho, Paulo César, Cacau e Marcelo Borges

CARLOS COSTA

GOIÁS

TRI DE TRÁS PRA FRENTE

Campeão do segundo turno, o Goiás teve que ganhar o primeiro para só depois fazer a festa

O Goiás fechou o ano de 1991 com uma conquista, antes de tudo, inédita. Não só porque se trata do primeiro tricampeonato da história do clube, fundado em 1947, mas também por ser a primeira vez que um título é ganho pela ordem inversa: para festejar o tri, o alviverde precisou disputar a final do primeiro turno depois de já ter conquistado a segunda etapa do campeonato.

Goiás campeão atrasado do primeiro turno: a volta olímpica valeu o tri

Parece até mentira, mas não é. Por um erro da própria Federação Goiana, o regulamento não previa critérios de desempate caso duas ou mais equipes terminassem o primeiro turno empatadas em primeiro lugar. E Goiás e Goiatuba chegaram juntos, com dezoito pontos cada. O jeito então foi tocar o returno para a frente, enquanto as batalhas judiciais eram travadas no tapetão.

Em campo, o Goiás não teve dificuldades para vencer o segundo turno. Reforçado pelo lateral Albéris e o meio-campo Luís Carlos, vindos do Atlético-PR, só perdeu para o Pires do Rio, revelação do campeonato treinada pelo ex-lateral vascaíno Orlando Lelé, como já havia ocorrido no primeiro turno. "Nos últimos anos, os times do interior vêm incomodando bem mais", pressentia o perigo o capitão do time, Luvanor.

Foi justamente contra um dos clubes interioranos do campeonato, o Goiatuba, a final retardada do primeiro turno, que acabou valendo o título. Desta vez, no entanto, não houve zebra: os gols de Jorge Batata e Guará garantiram os 2 x 1. Nada mais justo! Dos 27 jogos, o Verdão goiano ganhou dezessete, empatou sete e perdeu só três. Teve também a segunda melhor defesa, com quinze gols contra (atrás apenas da do Pires do Rio, que sofreu treze), e o ataque mais positivo, marcando 53 gols. É do Goiás também uma das maiores goleadas dos últimos anos no futebol brasileiro, os 10 x 1 no Anápolis, com seis gols do artilheiro Túlio.

Com a conquista, o Goiás chega aos doze títulos estaduais, ultrapassando o rival Vila Nova, que tem onze. E já faz planos para o tetra, mesmo que o caminho seja tão complicado quanto o deste tri.

FOTOS CARLOS COSTA

A seqüência de um dos gols do título: o zagueiro do Goiatuba fica para trás...

O ARTILHEIRO

PENSANDO EM VÔOS MAIS ALTOS

A artilharia do Campeonato Goiano de 1991, com dezenove gols, aumentou a relação de títulos na carreira do centroavante **TÚLIO**. *Em 1989, ele já havia sido o goleador da primeira campanha do tri do Goiás, com oito gols, e também artilheiro do Campeonato Brasileiro, com onze. Agora, Túlio Humberto Pereira, de 22 anos, cultiva sonhos maiores — entre eles, a transferência para um grande clube, talvez o São Paulo, por quem nutre uma admiração especial, e uma reconvocação para a Seleção de Carlos Alberto Parreira.*

Enquanto nada disso acontece, Túlio vai ajudando seu clube a se consolidar cada vez mais como o maior time do Estado. Neste campeonato, fez de tudo — desde seis gols em um só jogo, contra o Anápolis, a gol de bicicleta, contra o América. Por isso, ele não tem medo de afirmar: ''Sou o melhor do Brasil''.

Túlio só não fez chover: de cabeça, bicicleta, dentro ou fora do Serra Dourada

...e o goleiro Vítor também. Jorge Batata empurra para o gol e dá início à festa

A CAMPANHA

LABIRINTO COM FINAL FELIZ

1.º TURNO
Goiás 1 x Mineiros 0
Novo Horizonte 1 x Goiás 2
Goiás 2 x Goiatuba 2
Santa Helena 0 x Goiás 0
Goiás 0 x Pires do Rio 3
Jataiense 0 x Goiás 0
Goiás 1 x Anapolina 0
Atlético 0 x Goiás 3
América 1 x Goiás 0
Goiânia 0 x Goiás 1
Goiás 5 x Quirinópolis 0
Anápolis 0 x Goiás 2
Goiás 1 x Vila Nova 1
2.º TURNO
Mineiros 1 x Goiás 2
Goiás 5 x Novo Horizonte 1
Goiatuba 0 x Goiás 0
Goiás 3 x Santa Helena 0
Pires do Rio 1 x Goiás 0
Goiás 2 x Jataiense 0
Anapolina 0 x Goiás 1
Goiás 2 x Atlético 1
Goiás 4 x América 0
Goiás 1 x Goiânia 1
Quirinópolis 0 x Goiás 0
Goiás 10 x Anápolis 1
Vila Nova 0 x Goiás 3
FINAL (DECISÃO DO 1.º TURNO)
8/dezembro/91
GOIÁS 2 X GOIATUBA 1
Local: Serra Dourada (Goiânia); **Juiz:** Vilmar Aris; **Renda:** Cr$ 35 749 000; **Público:** 18 811; **Gols:** Jorge Batata 37 do 1.º; Guará 25 e Edvaldo 30 do 2.º; **Expulsão:** Dalton e Pirata
GOIÁS: Kléber, Wilson, Vladimir, Jorge Batata e Dalton; Wallace (Guará), Fagundes e Paulo César; Niltinho, Túlio e Cacau (Marçal). **Técnico:** Zé Mário
GOIATUBA: Vitor, Jorge, João Carlos, Edvaldo e Jorge Luís; Jaílson, Naldo (Estrela) e Cachola; Luís Cláudio, Pirata e Adílson. **Técnico:** Luís Dário

CAMPEÃO PARANAENSE

PARANÁ

NASCIDO PARA GANHAR

Com apenas dois anos de vida, o tricolor mostra em campo a sua força e conquista o primeiro título

Quando a Federação Paranaense de Futebol anunciou, em julho, que iria promover um campeonato nos moldes dos europeus — com turno, returno e pontos corridos —, uma pesquisa no estilo "vapt-vupt", realizada na Boca Maldita, o reduto onde os curitibanos discutem tudo, apontou como principal candidato ao título regional de 1991 o Paraná Clube. Sábios, os torcedores basearam-se na seriedade com que o tricolor trata o futebol para acertar no prognóstico. Depois de quase cinco meses e 26 rodadas, de fato o Paraná deu uma lição em grande estilo na tradicional dupla Atle-Tiba e confirmou a previsão: com apenas dois anos de fundação, ganhou o seu primeiro título.

Formado pela fusão de Colorado e Pinheiros, o Paraná ganhou de herança tudo com que qualquer clube sonha: torcida numerosa e fiel e um patrimônio que lhe rende nada menos que 300 milhões de cruzeiros mensais. Com dinheiro em caixa, o tricolor pôde buscar seu treinador Otacílio Gonçalves, o auxiliar técnico de Paulo Roberto Falcão na Seleção Brasileira, e ainda desembolsou 300 000 dólares na compra dos passes do lateral Balu, ex-Cruzeiro, e do ponta João Antônio, ex-Grêmio.

Assim reforçado, o Paraná fez uma campanha irrepreensível. No primeiro turno, sofreu apenas uma derrota, para o Campo Mourão, na penúltima rodada, e empatou três vezes. De resto, sua torcida só teve motivos para deixar os estádios cantando: foram nove vitórias, 25 gols a favor e somente nove contra.

Veio o returno e o time continuou no mesmo pique. Venceu oito dos treze jogos, empatou dois e perdeu três, marcando 27 gols e sofrendo onze. Solitário, o Atlético foi o único que tentou encarar o jovem gigante. Apoiado na tradição e na raça, o rubro-negro impediu que o Paraná vestisse a faixa de campeão com duas rodadas de antecedência. A vitória atleticana por 1 x 0, na antepenúltima rodada, porém, só fez reduzir de três para um ponto a vantagem tricolor. E foi com esse pontinho de vantagem que a equipe entrou em campo para enfrentar o Coritiba na última partida, precisando só do empate. E o Paraná mostrou que não nasceu para morrer na praia. O Coritiba saiu na frente, mas o tricolor empatou aos 20 do segundo tempo e fez a festa, que é um aviso: o Paraná veio pra ficar.

Festa em campo, festa na galera

Um dos muitos investimentos que deram certo: Balu, ex-Cruzeiro, arrebentou

FOTOS ALBARI ROSA

O gol do título: o lateral-esquerdo Ednélson prepara-se para chutar e empatar a partida contra o Coritiba

O ARTILHEIRO

É GOL. EM PÉ, DE CABEÇA, DEITADO

Ele fez gols de todas as maneiras: de cabeça, cobrando faltas e até mesmo deitado. Com isso, o mineiro **SAULO** *da Fé de Freitas pode ser considerado um jogador fundamental para a conquista inédita do Paraná. Nascido em São Domingos da Prata (MG) e fã do ex-ídolo atleticano Reinaldo, o centroavante marcou nada menos do que 34% (18) dos 52 gols conseguidos pela equipe.*

Essa vocação de artilheiro começou no modesto Valeriodoce, onde, em 1986, 1987 e 1988, foi o segundo goleador mineiro, com treze, catorze e quinze gols respectivamente. No Paraná, ele também não conseguiu livrar-se da sina de ser vice-artilheiro estadual, ficando atrás de Alcântara, do Campo Mourão, que chegou às redes adversárias trinta vezes.

A torcida tricolor, porém, só tem motivos para elogiar Saulo. Na verdade, o atacante vindo do Atlético Mineiro é hoje um objeto de devoção para a galera. Por sua raça, sua presença constante na área e pela competência mostrada nos 26 jogos da campanha.

A CAMPANHA

A FORÇA, DO INÍCIO AO FIM

1.º TURNO
Toledo 0 x Paraná 1
Paraná 2 x Foz 1
Apucarana 0 x Paraná 0
Paraná 2 x Londrina 1
Operário 0 x Paraná 2
Paraná 2 x Nove de Julho 0
Paraná 1 x Cascavel 1
Matsubara 1 x Paraná 4
Paraná 3 x Arapongas 1
Paraná 4 x Grêmio Maringá 1
Atlético 1 x Paraná 1
Campo Mourão 2 x Paraná 1
Paraná 2 x Coritiba 0

2.º TURNO
Paraná 3 x Toledo 1
Foz 1 x Paraná 0
Paraná 1 x Apucarana 0
Londrina 1 x Paraná 6
Paraná 4 x Operário 0
Nove de Julho 1 x Paraná 1
Cascavel 0 x Paraná 1
Paraná 1 x Matsubara 2
Arapongas 1 x Paraná 4
Grêmio Maringá 1 x Paraná 2
Paraná 0 x Atlético 1
Paraná 3 x Campo Mourão 2

FINAL
8/dezembro/1991
CORITIBA 1 X PARANÁ 1
Local: Couto Pereira (Curitiba); **Juiz:** Afonso Vitor de Oliveira; **Renda:** Cr$ 55 615 000; **Público:** 19 834; **Gols:** Pachequinho 29 do 1.º; Ednélson 20 do 2.º; **Cartão amarelo:** Carlinhos, Heraldo, Nardela, Afrânio e Castro; **Expulsão:** Marquinhos Ferreira
CORITIBA: Luis Henrique, Cattani, Jorjão, Heraldo e Paulo César; Hélcio, Géverton e Nardela (Tuta); Pedro Paulo (Toninho Cajuru), Afrânio e Pachequinho. **Técnico:** Dirceu Krüger
PARANÁ: Celso Cajuru, Balu, Castro, Gralak e Ednélson; João Antônio, Adoilson e Marquinhos Ferreira; Carlinhos (Ney), Saulo e Serginho (Servílio). **Técnico:** Otacílio Gonçalves

PARANÁ Campeão Paranae

Em pé: Castro, Gralak, João Antônio, Celso Cajuru, Balu e Ednélson; **agachados:** Carlinhos, Adoilson, Saulo, Marquinhos Ferreira e Serginho

anaense

NÉLIO RODRIGUES

CRICIÚMA E.C.

CRICIÚMA

CARNAVAL MAIS UMA VEZ

Com o tri catarinense, Criciúma, a cidade do campeão da Copa do Brasil, vai de novo à loucura

FOTOS JULIO CAVALHEIRO

Itá limpa a área: apesar de precisar só do empate, o Criciúma não jogou na defesa

O tricampeonato catarinense, conquistado até com facilidade pelo Criciúma, significou para sua torcida muito mais que um título estadual, o quarto da história do clube. Chegando novamente em primeiro, o Tigre garantiu outra vez sua presença na Copa do Brasil em 1992, onde tentará o bi.

Por isso, a torcida, já acostumada a comemorações desde que o clube foi o primeiro a trazer um título nacional para Santa Catarina, não fez por menos: varou a madrugada fazendo carnaval e já sonhando com vôos mais altos. A campanha do tri catarinense autoriza tamanho otimismo: líder do início ao fim, o Criciúma chegou às finais contra a Chapecoense com invejáveis dezoito vitórias, treze empates e apenas cinco derrotas. Na última partida, bastaria o empate para vestir as faixas.

Apesar do campo encharcado, o técnico Lori Sandri manteve o time no ataque, como já havia ocorrido desde o início da campanha. A recompensa só veio a onze minutos do final da partida, quando Vanderlei, o maior artilheiro da história do clube com 79 gols, deixou o garoto Émerson, de 19 anos, livre na frente do goleiro para garantir o 1 x 0 do título e dar início à nova festa.

Mais uma vez, o campeão catarinense saiu do interior. Tem sido assim desde 1976, quando o Joinville ganhou seu primeiro título. No ano seguinte, 1977, a Chapecoense, vice deste ano, foi campeã, e, de 1978 a 1985, deu Joinville de novo. Só o Avaí, campeão em 1988, transformou-se na honrosa exceção da capital.

Entre todos os campeões interioranos, porém, o Criciúma é o que está indo mais longe. Com a conquista da Copa do Brasil, assegurou também o direito de disputar a Taça

O ARTILHEIRO

OS GOLS QUE ESTAVAM NA RESERVA

Desde que chegou ao Criciúma, há quase três anos, vindo do Marcílio Dias (SC), o ponta-esquerda **JAIRO LENZI** *sempre foi útil ao time com seus gols.*

Mas só em 1991 conseguiu firmar-se como titular. Aí, não saiu mais: em 34 partidas na campanha do tri, marcou doze e só não se tornou também o artilheiro do campeonato porque o Criciúma não participou da Taça Santa Catarina, a Primeira Fase da competição — Totó, do Juventus, foi o goleador do ano, com dezenove. Aos 22 anos, o forte de Jairo Lenzi é a velocidade aliada ao oportunismo.

Em pé: Sarandi, Vilmar, Roberto Cavalo, Alexandre, Wilson e Itá; **agachados:** Vanderlei, Gélson, Soares, Grizzo e Jairo Lenzi

Libertadores de 1992. Para isso, 500 milhões de cruzeiros já estão sendo aplicados na ampliação da capacidade do Estádio Heriberto Hulse, de 20 mil para 30 mil espectadores. Todos na cidade sabem da importância de contar com o apoio da torcida para os desafios que o time terá no ano que vem — além de tentar o tetra em Santa Catarina, o Criciúma disputará, simultaneamente, o Campeonato Brasileiro da Série B, a Copa do Brasil, a Libertadores da América e, se depender da empolgação da cidade, até mesmo a final do Mundial Interclubes, em Tóquio. Porque em Criciúma ninguém duvida que 1992 também será o ano do Tigre.

A CAMPANHA

O TRAJETO DO TRI DO TIGRE

1.º TURNO
Inter 1 x Criciúma 4
Criciúma 2 x Hercílio Luz 1
Brusque 2 x Criciúma 1
Araranguá 0 x Criciúma 0
Juventus 0 x Criciúma 1
Criciúma 2 x Caçadorense 1
Criciúma 1 x Marcílio Dias 0
Blumenau 1 x Criciúma 2
Figueirense 2 x Criciúma 2
Criciúma 2 x Avaí 0
Criciúma 2 x Chapecoense 1
Joinville 1 x Criciúma 1
Criciúma 1 x Inter 1
Hercílio Luz 0 x Criciúma 0
Criciúma 3 x Brusque 1
Ferroviário 0 x Criciúma 0
Criciúma 3 x Araranguá 1
Criciúma 0 x Juventus 1
Caçadorense 3 x Criciúma 1
Marcílio Dias 0 x Criciúma 2
Criciúma 1 x Blumenau 1
Criciúma 0 x Figueirense 1
Chapecoense 1 x Criciúma 0
Avaí 1 x Criciúma 1
Criciúma 2 x Joinville 0
Criciúma 4 x Blumenau 0
Blumenau 0 x Criciúma 1

QUADRANGULAR PRINCIPAL
Criciúma 1 x Blumenau 1
Criciúma 2 x Figueirense 0
Chapecoense 1 x Criciúma 2
Blumenau 1 x Criciúma 1
Figueirense 1 x Criciúma 1
Criciúma 2 x Chapecoense 1

QUADRANGULAR FINAL
Joinville 0 x Criciúma 0
Criciúma 2 x Joinville 1

FINAIS
Chapecoense 1 x Criciúma 0
Criciúma 2 x Chapecoense 0

15/dezembro/91
CRICIÚMA 1 X CHAPECOENSE 0
Local: Heriberto Hulse (Criciúma); **Juiz:** Dalmo Bozzano; **Renda:** Cr$ 24 728 500; **Público:** 11 855; **Gol:** Émerson 34 do 2.º; **Cartão amarelo:** Alexandre, Grizzo, Itá, Aldair, Lúcio e Vílson
CRICIÚMA: Alexandre, Sarandi, Vilmar, Wilson e Itá; Roberto Cavalo, Gélson e Grizzo (Émerson); Vanderlei, Soares (Adilson Gomes) e Jairo Lenzi. Técnico: Lori Sandri
CHAPECOENSE: Tonho, Luís Cláudio, Lúcio, Maurício e Gilson; Hermes, Aldair (Esquerdinha) e Rogério; Giovani, Ronaldo e Vílson (Jorge Luís). Técnico: Juarez Vilella

CAMPEÃO PARAENSE

REMO

EM CASA, O LEÃO É REI

O Paysandu foi campeão brasileiro da Série B, mas e daí? No Campeonato Paraense, bom mesmo é o Remo

Antes do início do Campeonato Paraense, em agosto, nada parecia caminhar na direção de um final feliz para o Clube do Remo. Afinal, enquanto o arquiinimigo Paysandu conquistava o Campeonato Brasileiro da Série B e o direito a disputar a Primeira Divisão em 1992, o Leão Azul, como o time é chamado, só conhecia desclassificações, no próprio Brasileiro da Série B e na Copa do Brasil. Ainda por cima, a torcida viu seu maior ídolo, o zagueiro Chico Monte Alegre, ser trocado pelo volante Agnaldo, do Sport.

De reforço indesejável, porém, Agnaldo se transformaria no símbolo da garra e determinação de uma campanha invicta. Ao mesmo tempo, do banco de reservas, Waldemar Carabina, um dos técnicos que mais ganharam títulos no Norte-Nordeste, bolava as estratégias.

Em campo, ninguém foi melhor que o Remo — venceu dezenove das 23 partidas, marcou 44 gols (melhor ataque) e sofreu apenas quatro (melhor defesa). Por isso, os problemas só surgiram na decisão, quando a Tuna não deixou que um pênalti a favor do Leão fosse cobrado. O Tribunal Desportivo, porém, considerou o resultado de 1 x 0. E fez justiça, afinal, proclamando o Remo tricampeão.

ANTONIO SILVA O LIBERAL

Papelin *(esq.)* nem precisou de todo o tempo para barrar Levy: a Tuna fugiu antes

O ARTILHEIRO

RISOS E GOLS PARA A GALERA

Apelidado de Risadinha pela torcida, o artilheiro LUCIANO VIANA *deixou uma feliz marca de treze gols no Campeonato Paraense de 1991. Embora insuficiente para fazer dele o goleador isolado (ficou atrás de Almir, do Isabelense, que marcou catorze), o número transformou-o rapidamente em ídolo dos torcedores. Mais: com 1,74 m, 74 kg e 21 anos, este fluminense de Campos já desperta o interesse de Palmeiras, Botafogo (RJ) e do rival Paysandu, que pretende contar com seus gols no Campeonato Brasileiro de 1992.*

A CAMPANHA

NINGUÉM PÔDE COM O REMO

1.º TURNO
Remo 3 x Pinheirense 0
Remo 1 x Sport Belém 0
Remo 4 x Santa Rosa 0
Remo 2 x Tiradentes 0
Remo 1 x Isabelense 0
Remo 2 x Independente 0
Remo 3 x Tuna Luso 0
Remo 1 x Paysandu 1
QUADRANGULAR
Remo 2 x Isabelense 0
Remo 4 x Tuna Luso 0
Remo 1 x Paysandu 0
2.º TURNO
Remo 3 x Independente 0
Remo 1 x Tiradentes 0
Remo 3 x Pinheirense 1
Remo 2 x Santa Rosa 0
Remo 1 x Isabelense 0
Remo 4 x Sport Belém 0
Remo 2 x Tuna Luso 0
Remo 2 x Paysandu 0
QUADRANGULAR
Remo 2 x Isabelense 2
Remo 0 x Paysandu 0
Remo 0 x Tuna Luso 0
FINAL
1.º/dezembro/91
REMO 0 X TUNA LUSO 0
Local: Mangueirão (Belém); **Juiz:** José Aparecido de Oliveira (SP); **Renda:** Cr$ 49 077 000; **Público:** 27 099; **Cartão amarelo:** Paulo Roberto, Gilmar, Rildon e Mário Vigia; **Expulsão:** Carlão e Zedivan
REMO: Vágner, Marcelo, Belterra, Silvano e Paulo Roberto; Papelin, Alencar (Lamartine) e Artur (Luisinho); Gilmar, Luciano Viana e Rildon. **Técnico:** Waldemar Carabina
TUNA LUSO: Altemir, Carlão, Juninho, Luís Otávio e Mário Vigia; Ondino, Dema (Cacu) e Levy; Ageu (Júlio César), Cabinho e Zedivan. **Técnico:** Nélio Pereira

Aos 8 minutos do primeiro tempo da prorrogação, a Tuna abandonou o campo, revoltada com a marcação de um pênalti para o Remo.

REMO Tricampeão Paraense

Em pé: Marcelo, Agnaldo, Silvano, Belterra, Luís Carlos, Vágner e Nicolau Barros (preparador físico); **Agachados:** Alencar, Artur, Luciano Viana, Lamartine e Gilmar

ANTÔNIO SILVA/O LIBERAL

FORTALEZA

NO FINAL, DEU O MELHOR

Com o time mais forte do Ceará, o Fortaleza se transformou na única alegria de um campeonato confuso

FOTOS AIRTON BEZERRA/DIÁRIO DO NORDESTE

Na hora da decisão, craques como Mirandinha garantiram o empate. Foi o bastante

Foi uma longa maratona, que começou em agosto de 1990 e só terminou em 15 de dezembro de 1991. E nela houve de tudo. De crises envolvendo diretorias à contratação de estrelas como Cláudio Adão, Josimar e Mirandinha. Só uma coisa, no entanto, conseguiu chamar a atenção do público no Campeonato Cearense de 1991: o Fortaleza. Afinal, o tricolor montou o melhor time do Estado e ganhou tudo a que se dispôs. Dos quatro turnos, venceu três — o primeiro, o terceiro e o quarto. E, antes mesmo da decisão com o Ceará, todos tinham certeza de que o 29.º título estadual do Fortaleza estava garantido.

Chegaram Mirandinha e Josimar, que se uniram aos ex-juniores Eliezer e Sílvio. Em conseqüência, vieram os títulos do terceiro e quarto turnos.

Essas conquistas garantiram à equipe uma grande vantagem na decisão contra o Ceará. Tanto que, em três jogos, perdeu um, empatou dois e mesmo assim conquistou o título. A decisão aconteceu com um empate em 1 x 1, gol de Mirandinha, aos 16 do segundo tempo. E o centroavante acabou se transformando em herói, dando aos cearenses uma das poucas alegrias de uma longa e confusa maratona.

O ARTILHEIRO

ÍDOLO DE MALAS PRONTAS

*Ser artilheiro de um time que conta com Mirandinha não é uma conquista qualquer. Por isso, mais do que ser goleador do Fortaleza com sete gols, o ponta **SÍLVIO** se tornou ídolo da torcida. Antes disso, no entanto, ele já chamara a atenção de clubes de expressão. Vasco e Botafogo se interessaram por seu futebol há cerca de três anos. Mas a pouca idade do atacante, hoje com 20 anos, impediu a transferência. O encerramento de seu contrato, no último dia 31 de dezembro, o enche de esperanças. E, ao mesmo tempo, deixa a torcida tricolor extremamente preocupada.*

KID JUNIOR

A CAMPANHA

NO FINAL DAS CONTAS, DEU A LÓGICA

Fortaleza 2 x América 0
Fortaleza 5 x Icasa 0
Fortaleza 2 x Tiradentes 1
Fortaleza 1 x Quixadá 0
Fortaleza 1 x Ferroviário 1
Fortaleza 2 x Calouros do Ar 1
Fortaleza 1 x Guarany de Sobral 0
Guarani de Juazeiro 0 x Fortaleza 3
Ceará 0 x Fortaleza 0
Fortaleza 2 x Guarany de Sobral 1
Fortaleza 1 x América 0
Fortaleza 2 x Tiradentes 0
Fortaleza 3 x Ferroviário 3
Fortaleza 0 x Ceará 0

Fortaleza 1 x América 0
Fortaleza 0 x Ferroviário 2
Fortaleza 1 x Ceará 0
Fortaleza 0 x Guarany de Sobral 0
Fortaleza 1 x Tiradentes 0
Fortaleza 1 x Ferroviário 0
Fortaleza 0 x Ferroviário 0
Fortaleza 3 x Tiradentes 1
Fortaleza 0 x Ferroviário 3
Fortaleza 1 x Ceará 1
Fortaleza 0 x Guarany de Sobral 1
Fortaleza 0 x Guarany de Sobral 0
Fortaleza 3 x Tiradentes 0
Fortaleza 0 x Ferroviário 1
Fortaleza 0 x Ceará 0
Fortaleza 2 x Icasa 2
Fortaleza 3 x Guarany de Sobral 1
Fortaleza 0 x Ferroviário 0
Ceará 2 x Fortaleza 0
Guarany de Sobral 0 x Fortaleza 2
Fortaleza 2 x Icasa 0
Fortaleza 1 x Ferroviário 0
Fortaleza 1 x Ceará 0
Fortaleza 3 x Ferroviário 1
Quixadá 2 x Fortaleza 1
Fortaleza 3 x Icasa 0
Fortaleza 1 x Ceará 1
Icasa 0 x Fortaleza 0
Fortaleza 2 x Quixadá 0
Ceará 1 x Fortaleza 1
Icasa 0 x Fortaleza 0
Fortaleza 2 x Quixadá 0
Ceará 1 x Fortaleza 1
Fortaleza 1 x Ferroviário 0
Fortaleza 2 x Ceará 2
(Na prorrogação 2 x 0)
Icasa 3 x Fortaleza 2
Fortaleza 1 x Icasa 0
(Nos pênaltis 6 x 5)

FINAIS
Ceará 2 x Fortaleza 1
Fortaleza 0 x Ceará 0

15/dezembro/91
FORTALEZA 1 X CEARÁ 1
Local: Castelão (Fortaleza); **Juiz:** Renato Marsiglia; **Renda:** Cr$ 110 410 900; **Público:** 46 066; **Gols:** Mirandinha 16 e Fernando 37 do 2.º; **Cartão amarelo:** China, Josimar, Marquinhos Capivara, Mirandinha, Nenê, Jean e Claudemir
FORTALEZA: Jorge, Expedito, Eduardo, Paulo Sérgio e Calixto; China, Josimar e Marquinhos Capivara; Sílvio (Carlos Alberto), Mirandinha e Eliezer (Valdir). **Técnico:** Nei Elói
CEARÁ: Roberval, Johnson, Santos Cearense, Nenê e Betinho (Luís Carlos); Airton (Santos Baiano), Jean e Tita; Fernando, Mazinho e Claudemir. **Técnico:** Dimas Silveiras

FORTALEZA Campeão Cearense

Em pé: Jorge Pinheiro, Eduardo, Paulo Sérgio, China, Canhoto e Expedito; **agachados:** Eliezer, Josimar, Sílvio, Mirandinha e Marquinhos Capivara

CAMPEÃO CAPIXABA

MUNIZ FREIRE

O CANECO É DO CAÇULA

Em seu segundo ano de Primeira Divisão, o time azul leva mais uma taça para o interior do Estado

O ano de 1991 não sairá tão cedo da memória dos moradores de Muniz Freire, município distante 160 km de Vitória, a capital do Espírito Santo. Com o empate do time da cidade com a Desportiva Ferroviária, em 2 x 2, seus 20 mil habitantes puderam comemorar o título inédito de campeão capixaba. Nos últimos cinco anos, essa é a quarta vez que a taça não fica na capital (Guarapari, em 1987; Ibiraçu, em 1988; e Colatina, em 1990, foram os últimos campeões).

Desta vez, porém, a tarefa do Muniz foi facilitada pela fórmula de disputa do campeonato. Em uma divisão parecida com a que ocorreu na Primeira Fase do Campeonato Paulista, o Muniz Freire enfrentou adversários teoricamente inferiores.

Mas, se na Primeira Fase, apesar da competência com que se classificou, o Muniz não chegou a empolgar sua torcida, nas semifinais ele entrou com tudo. Depois de arrasar o Linhares por 5 x 1, ganhou o direito de disputar o título com a Desportiva Ferroviária. Uma vitória por 1 x 0 em casa e o empate em 2 x 2 na capital garantiram ao azulão a conquista do título. No dia seguinte, em Muniz Freire, a prefeitura patrocinou o chope. Ninguém foi trabalhar. E podia?

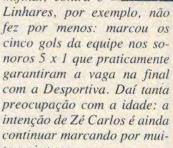
FOTOS GILDO LOYOLA

Mesmo fora de casa, o Muniz Freire não se importou com a fama da Desportiva. Os 2 x 2 em Vitória provocaram um carnaval na cidade

O ARTILHEIRO

UM VETERANO FAZ A FESTA

Embora digam por aí que ele tem 37 anos, ZÉ CARLOS BAIANO, o artilheiro do Muniz Freire e do campeonato com dezoito gols, garante ter "só" 34. Pouco importa: depois que chegou ao futebol capixaba, em 1988, ninguém mostrou uma fome de gols maior que a dele. Tanto que marcou mais da metade dos gols do ataque campeão — o Muniz Freire fez 35. Na primeira partida semifinal, contra o Linhares, por exemplo, não fez por menos: marcou os cinco gols da equipe nos sonoros 5 x 1 que praticamente garantiram a vaga na final com a Desportiva. Daí tanta preocupação com a idade: a intenção de Zé Carlos é ainda continuar marcando por muito mais tempo.

A CAMPANHA

TRAVESSURAS DO MUNIZ

1.º TURNO
Muniz Freire 0 x Rio Pardo 0
Muniz Freire 0 x Comercial 1
Muniz Freire 1 x Guarapari 1
Castelo 1 x Muniz Freire 2
Muniz Freire 2 x Atlético 0
Muniz Freire 2 x Ordem e Progresso 1
Alfredo Chaves 1 x Muniz Freire 2
Muniz Freire 1 x Estrela 0
2.º TURNO
Rio Pardo 2 x Muniz Freire 1
Comercial 1 x Muniz Freire 2
Guarapari 2 x Muniz Freire 3
Muniz Freire 1 x Castelo 0
Atlético 1 x Muniz Freire 2
Ordem e Progresso 0 x Muniz Freire 4
Muniz Freire 1 x Alfredo Chaves 1
Estrela 2 x Muniz Freire 1
SEMIFINAIS
Muniz Freire 5 x Linhares 1
Linhares 3 x Muniz Freire 2
FINAL
Muniz Freire 1 x Desportiva 0
15/dezembro/91
DESPORTIVA 2 X MUNIZ FREIRE 2

Local: Engenheiro Araripe (Vitória); **Juiz:** Sérgio Gomes dos Santos; **Renda:** Cr$ 10 320 000; **Público:** 5 371; **Gols:** Sérgio Andrade 13 e Índio 18 do 1.º; Marcelo 10 e Wálder 27 do 2.º

DESPORTIVA: Zé Carlos, Adílson, Maurão, Janoti e Dedé; Paulo Henrique (Jorginho), Mauro Soares e Marcelo; Tatu, João Roberto (Gérson) e Wálder. **Técnico:** Suingue

MUNIZ FREIRE: Flávio, Ricardo, Binha (Rildo), Sérgio Andrade e Adelmo; Tadeu, Zé Gatinha e Zé Carlos Baiano; Índio, Carlinhos e Arildo Borges (Juarez). **Técnico:** Marcos Magalhães

MUNIZ FREIRE Campeão Capixaba

Em pé: Ricardo, Adelmo, Rafael, Binha, Rildo, Mendonça, Sérgio Andrade e Flávio; **agachados:** Tadeu, Índio, Zé Gatinha, Carlinhos, Alves, Juarez e Arildo Borges

CAMPEÃO SUL-MATO-GROSSENSE

OPERÁRIO

REAÇÃO NA HORA CERTA

Diretoria tenta fazer economia e quase põe tudo a perder. Mas, com reforços, o time foi buscar a taça

A estratégia da diretoria por pouco não põe em risco a conquista do título. Como medida de contenção de despesas, o clube começou o campeonato com um time à base da prata da casa. Resultado: quase não se classifica para a Segunda Fase. Passado o susto e com a saída do técnico Édson Soares, começaram a surgir os reforços.

O substituto de Édson foi Sílvio Elite, que passou a exigir jogadores experientes. Logo depois desembarcavam em Campo Grande o zagueiro Silva, o meia Rubens Carlos e Vitinha, Cássio e Rogério Uberaba. No entanto, o maior destaque acabou sendo mesmo o zagueiro Bôni, ex-São Paulo, Guarani de Campinas e Goiás. Mal chegou, assumiu a condição de capitão, liderando a reação da equipe. Nem mesmo as fracas arrecadações verificadas no Estádio Morenão desanimaram os dirigentes: na fase final prometeram um prêmio de 15 milhões de cruzeiros pela conquista do campeonato. Com isso, o elenco, que já estava subindo de produção, ficou ainda mais motivado. Depois de perder apenas um jogo na segunda fase, para o Sena, por 3 x 0, o time foi para as semifinais e desforrou, vencendo o mesmo Sena duas vezes (4 x 0 e 1 x 0).

Só ficou faltando então pegar o Naviraiense nas finais. A primeira partida aconteceu na cidade de Dourados (o campo do Naviraiense estava interditado pela Federação devido a tumultos) e o Operário ganhou por 1 x 0. No segundo jogo, em casa, apesar de precisar apenas de um empate, o time manteve seu esquema ofensivo e meteu 3 x 1. O resto foi festa. E muito justa.

FOTOS VALDEMIR RESENDE

Valdir acossa a defesa do Naviraiense: a ordem no Operário foi atacar sempre

O ARTILHEIRO

O NOVO SONHO DE BIRO-BIRO

Com sete gols marcados, Silvério Bernal, o **BIRO-BIRO**, *foi o artilheiro do time em 1991. Ele começou no Comercial e em 1983 foi comprado pelo Guarani de Campinas (SP), onde ficou somente dez meses. De volta ao Mato Grosso do Sul, passou a vestir a camisa do Operário. O jogador reconhece que esta foi a sua melhor temporada. "Só espero uma nova oportunidade em um grande centro", sonha o atacante.*

A CAMPANHA

EM 18 JOGOS, DUAS DERROTAS

1.ª FASE
Operário 1 x Cassilandense 0
Taveirópolis 0 x Operário 1
Paranaíba 1 x Operário 2
Cassilandense 1 x Operário 2
Operário 2 x Taveirópolis 1
Chapadão 0 x Operário 1
Comercial 2 x Operário 1
Operário 1 x Paranaíba 0
Operário 1 x Chapadão 0
2.ª FASE
Operário 1 x Naviraiense 1
Nova Andradina 3 x Operário 0
Operário 0 x Dourados 0
Naviraiense 1 x Operário 1
Operário 1 x Nova Andradina 1
Dourados 2 x Operário 3
SEMIFINAL
Operário 4 x Nova Andradina 0
Nova Andradina 0 x Operário 1
FINAIS
Naviraiense 0 x Operário 1
15/dezembro/91
OPERÁRIO 3 X NAVIRAIENSE 1
Local: Morenão (Campo Grande); **Juiz:** Getúlio Barbosa Souza Júnior; **Renda:** Cr$ 5 138 000; **Público:** 2 743; **Gols:** Gonçalves 17 do 1.º; Cássio 6, Biro-Biro 13 e João Mineiro 45 do 2.º; **Cartão amarelo:** Silva e Júlio César; Expulsão: Edílson e Marcos Ceará
OPERÁRIO: Marcílio, Gonçalves, Bôni, Silva e Marcos Ceará; Rubens Carlos, Vitinha e Valdir; Biro-Biro, Cássio e Rogério (Márcio Vieira). Técnico: Sílvio Elite
NAVIRAIENSE: Marcão, Claudinho, Dionei, Júlio César e Donato; Sérgio Gaúcho, Edílson e Jadílson (Reinaldo); Cido, João Mineiro e Paulo Henrique (Fernando). Técnico: João Paulo

OPERÁRIO Campeão Sul-Mato-Grossense

Em pé: Silva, Bôni, Rubens Carlos, Marcos Ceará, Marcílio e Marcos Sequetto (preparador físico); **agachados:** Biro-Biro, Valdir, Cássio, Rogério Uberaba e Vitinha

DOM BOSCO

A EMOÇÃO DA PRIMEIRA VEZ

O Azulão nunca havia conquistado um título. Por isso, a galera explodiu de alegria como Cuiabá nunca viu

Quando o juiz apitou o final da terceira partida das finais contra o União de Rondonópolis, torcida, dirigentes e jogadores do Dom Bosco começaram a gritar, pular e chorar de alegria. E não era mesmo para menos. O empate de 1 x 1 dava ao clube o seu primeiro título estadual desde que o futebol se tornou profissional no Estado. O meio-campo Vítor, que comandou o time em campo e marcou o gol que abriu caminho para a conquista inédita, atravessou o gramado de joelho sem poder conter o choro. "Foi a maior emoção da minha vida", dizia.

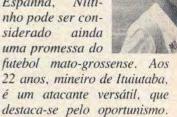
Deve, de fato, ter sido. O Dom Bosco no começo do campeonato estava caindo pelas tabelas e corria até o risco de ser rebaixado. Mas, quando poucos esperavam, deu a volta por cima em grande estilo. Classificou-se em primeiro na repescagem e garantiu sua presença no hexagonal decisivo, no qual chegou líder invicto à última rodada. Resultado: foi para as finais com um ponto de vantagem sobre o União. Aí, com determinação, o Azulão foi buscar o primeiro título da história do clube, emocionando Cuiabá.

FOTOS GERALDO TAVARES/DC

Batista, um dos símbolos da garra do time, parou o ataque do União

O ARTILHEIRO

E NÃO FALTOU ARTILHEIRO

Dos 40 gols marcados pelo Dom Bosco campeão do Mato Grosso, dezoito deles foram igualmente divididos entre NÁSSER (acima) *e* NILTINHO (abaixo), *os artilheiros da campanha. Se Nasser, aos 26 anos, já é um centroavante experiente, com passagens pelo Operário de Várzea Grande e até pelo Elche, da Espanha, Niltinho pode ser considerado ainda uma promessa do futebol mato-grossense. Aos 22 anos, mineiro de Ituiutaba, é um atacante versátil, que destaca-se pelo oportunismo. Com seus nove gols cada um, a dupla ficou atrás de Índio, do União, artilheiro do campeonato com dezesseis.*

A CAMPANHA

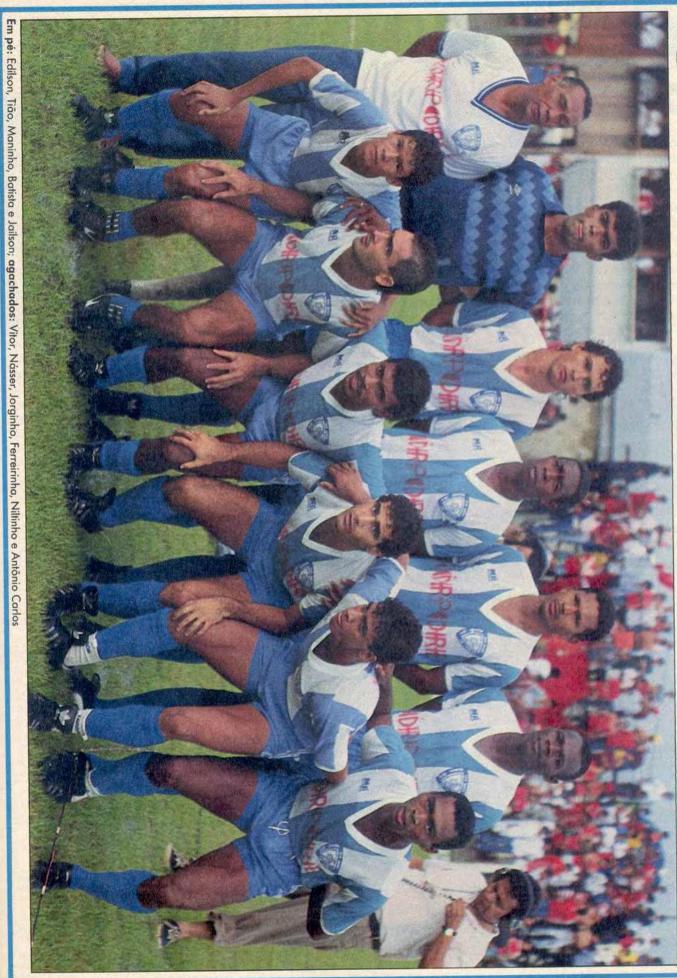
DO SUSTO AO CARNAVAL

Juventude 4 x Dom Bosco 1
União 3 x Dom Bosco 1
Grêmio 0 x Dom Bosco 1
Vila Aurora 0 x Dom Bosco 0
Dom Bosco 1 x Barra do Garças 3
Dom Bosco 0 x Juventude 1
Dom Bosco 1 x União 0
Barra do Garças 2 x Dom Bosco 0
Dom Bosco 2 x Grêmio 0
Dom Bosco 1 x Vila Aurora 0
Dom Bosco 1 x Grêmio 0
Cáceres 0 x Dom Bosco 2
Atlético 0 x Dom Bosco 1
Dom Bosco 2 x Cáceres 0
Dom Bosco 3 x Atlético 1
Grêmio 0 x Dom Bosco 2
Dom Bosco 0 x Sinop 0
Barra do Garças 1 x Dom Bosco 0
Dom Bosco 5 x Vila Aurora 1
Dom Bosco 1 x União 2
Juventude 0 x Dom Bosco 0
Sinop 0 x Dom Bosco 1
Dom Bosco 4 x Barra do Garças 2
Vila Aurora 0 x Dom Bosco 2
União 1 x Dom Bosco 0
Dom Bosco 3 x Juventude 2
Dom Bosco 1 x União 0
União 2 x Dom Bosco 1

FINAL
7/dezembro/91
DOM BOSCO 1 X UNIÃO 1
Local: José Fragelli (Cuiabá); **Juiz:** Ary Euclides Pereira; **Renda:** Cr$ 11 724 000; **Público:** 3 792; **Gols:** Vítor 1 e Índio 30 do segundo
DOM BOSCO: Edílson, Tião, Maninho, Batista e Antônio Carlos; Jaílson, Vítor, Iúca e Ferreira; Násser (Jorginho) e Niltinho. **Técnico:** Hélio Machado
UNIÃO: Varlei, Édson Saci, Cocão, Silva e Pedrinho; Rubens Paraná, Cléber e Washington; Olinto, Índio e Zé Luís (Mangabeira). **Técnico:** Genésio do Carmo

DOM BOSCO Campeão Mato-Grossense

Em pé: Edilson, Tião, Maninho, Batista e Jailson; **agachados:** Vítor, Násser, Jorginho, Ferreirinha, Niltinho e Antônio Carlos

TEC

TAGUATINGA

O NOVO DONO DO PODER

Com a melhor estrutura do Estado, o Taguatinga fez uma campanha brilhante e mostrou que em Brasília quem manda é ele

Foram 32 jogos, com 18 vitórias, 12 empates e apenas duas derrotas. Por isso, quando o Taguatinga chegou à decisão do segundo turno contra o Ceilândia, depois de vencer o primeiro, ninguém mais acreditava que o título escaparia de suas mãos. A vitória por 2 x 1 e o empate em 0 x 0 que garantiram a terceira conquista estadual do clube — as outras foram em 1981 e 1989 — apenas confirmaram uma certeza que toda a cidade já alimentava: por baixo daquelas onze camisas azuis e brancas estava o melhor time de Brasília.

Mas não foi por acaso que a equipe chegou ao título. As vantagens começavam fora de campo: com os 100 milhões gastos pelo presidente Froylan Pinto, o clube criou a melhor estrutura do Estado. Aos jogadores, só restava seguir à risca as orientações do técnico Deo e praticar um futebol em que o único objetivo era o gol. Em todo o campeonato foram 39, com uma média de 1,21 por partida.

Curiosamente, o mesmo técnico que criou essa determinação ofensiva era um dos destaques da equipe no Campeonato Brasileiro da Segunda Divisão de 1991, atuando como goleiro. Depois de assumir o cargo de treinador, Deo promoveu o retorno ao time de jogadores marginalizados, como os pontas Tuta e Carlinhos. Com eles e o melhor elenco do futebol da capital do país ficou fácil provar para os adversários que em Brasília todo o poder pertence ao Taguatinga.

FOTOS JORGE CARDOSO

A ordem era atacar. Ao todo foram 39 gols

O ARTILHEIRO

UM PONTA DE CARA NOVA

*A volta de **CARLINHOS** ao time pelas mãos do técnico Deo provocou uma transformação em seu futebol. De ponta-direita clássico, ele se tornou um atacante versátil e marcou dez gols no campeonato. Tudo para conseguir recuperar a posição de titular, que deixara de ser sua poucos meses antes. Só lhe faltou marcar mais um gol para se igualar a Wander e Paulinho, do Guará, os artilheiros do campeonato brasiliense com onze gols cada.*

A CAMPANHA

O CAMINHO DA CONSAGRAÇÃO

1.º TURNO
Taguatinga 3 x Planaltina 0
Taguatinga 1 x Brasília 0
Guará 0 x Taguatinga 0
Ceilândia 0 x Taguatinga 1
Taguatinga 1 x Sobradinho 1
Tiradentes 1 x Taguatinga 2
Planaltina 0 x Taguatinga 1
Taguatinga 1 x Guará 2
Gama 2 x Taguatinga 2
Taguatinga 1 x Ceilândia 0
Taguatinga 1 x Tiradentes 0
Taguatinga 0 x Gama 1
Brasília 1 x Taguatinga 1
Sobradinho 0 x Taguatinga 3
Taguatinga 1 x Guará 0
Guará 1 x Taguatinga 1
2.º TURNO
Taguatinga 1 x Ceilândia 0
Taguatinga 2 x Brasília 0
Taguatinga 2 Gama 1
Guará 0 x Taguatinga 2
Taguatinga 0 x Tiradentes 0
Taguatinga 2 x Sobradinho 0
Taguatinga 4 x Planaltina 0
Ceilândia 0 x Taguatinga 1
Brasília 0 x Taguatinga 0
Gama 1 x Taguatinga 2
Taguatinga 1 x Guará 1
Sobradinho 0 x Taguatinga 0
Planaltina 0 x Taguatinga 0
Tiradentes 0 x Taguatinga 0
Ceilândia 1 x Taguatinga 2
FINAL
10/novembro/91
TAGUATINGA 0 X CEILÂNDIA 0
Local: Elmo Serejo (Taguatinga); **Juiz:** Hermínio Nunes; **Renda:** Cr$ 5 732 000; **Público:** 2 866; **Cartão amarelo:** Tuta, Carlinhos, Cláudio e Lora
TAGUATINGA: Cláudio, Bilzão, Paulão, Zinha e César; Paulo Lima, Pacheco e Dorival (Júlio César); Tuta (Raildo), Serginho e Carlinhos. **Técnico:** Deo
CEILÂNDIA: Sérgio Luís, Marquinhos, Marcelo, Delei e Lora; Agnaldo, Da Costa e Noé; Lula, Zé Márcio (Édson) e Adão. **Técnico:** Jonas Foca

TAGUATINGA Campeão Brasiliense

Em pé: Elóis, Zinha, Bilzão, César, Paulão, Cláudio, Gilson e Adriano; **agachados:** Rogério, Dorival, Serginho, Pacheco, Carlinhos, Tuta, Raildo e Júlio César

AMÉRICA

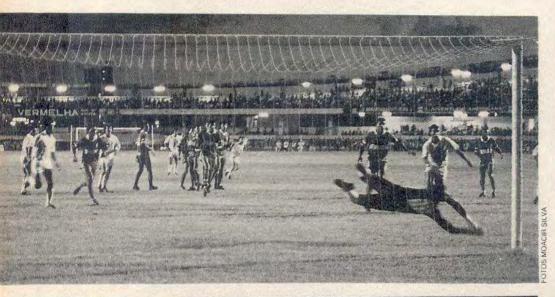
NUNCA FOI TÃO FÁCIL

O time rubro ganhou o turno invicto, deu moleza no segundo, mas na hora de decidir mostrou ser o melhor

O grande segredo para o América conquistar o título de campeão do Rio Grande do Norte em 1991 está numa única palavra: simplicidade. Bem postado em campo, com um futebol rápido e objetivo, sem enfeites, o time não teve grandes dificuldades para ir dobrando seus adversários, um a um. No primeiro turno, então, foi até covardia: a equipe rubra não perdeu nenhum dos seus doze jogos. Mais: marcou 21 gols e sofreu apenas três.

No returno, o time não conseguiu manter o mesmo ritmo, principalmente por ter ficado sem seu melhor jogador durante vários jogos: o meio-campista Dedé de Dora, responsável pela armação das jogadas de ataque. Com isso, o América perdeu todas as partidas para Potiguar e ABC, dando chances a este último de conquistar o turno. Nas finais, porém, a equipe rubra mostrou que, de fato, possuía um futebol bem superior ao do adversário, vencendo as duas partidas por 1 x 0.

Os números da campanha mostram isso com clareza: foram ao todo 28 jogos e o América só perdeu cinco, marcando 43 gols e sofrendo catorze, o que dá um saldo positivo de 29. De fato, não há como pôr em dúvida a superioridade americana, baseada no entrosamento do time e no trio Dedé de Dora, Gito e Baíca, que desequilibraram ao longo do campeonato.

FOTOS MOACIR SILVA

Na foto acima, o goleiro rubro Eugênio garante o 1 x 0 contra o ABC na decisão. Ao lado, Magno, autor do gol do título, é carregado em triunfo pela torcida

O ARTILHEIRO

UM PONTEIRO QUE RESOLVE

João Maria de Azevedo, o BAÍCA, *já jogou em todas as posições do ataque. Mas do que gosta mesmo é jogar na ponta-esquerda, como aconteceu em 1991. E só deu ele. Veloz, drible fácil e chute malicioso, Baíca acabou o campeonato como o artilheiro principal do América, com nove gols. Seu maior orgulho, porém, é já ter sido seis vezes campeão potiguar (duas pelo Alecrim e quatro pelo América), apesar de ter só 25 anos.*

A CAMPANHA

VENCER FOI O SEU NEGÓCIO

1.º TURNO
América 5 x Alecrim 0
América 2 x Potiguar 1
Potyguar 0 x América 0
América 2 x Atlético 1
América 2 x Atlético 1
América 1 x Atlético 0
América 2 x Alecrim 0
Potiguar 1 x América 1
ABC 0 x América 2
Alecrim 0 x América 1
Atlético 0 x América 4
América 0 x Potiguar 0
América 1 x ABC 0

2.º TURNO
América 5 x Atlético 0
América 1 x Potyguar 0
Potiguar 2 x América 1
América 1 x Alecrim 0
América 0 x ABC 1
América 4 x Potiguar 0
América 3 x Alecrim 1
Potiguar 1 x América 1
ABC 2 x América 1
América 1 x Potiguar 2
Alecrim 1 x América 3
América 0 x ABC 1

FINAIS
América 1 x ABC 0

8/dezembro/91
AMÉRICA 1 X ABC 0
Local: Cláudio Machado (Natal); **Juiz:** Leo Feldman; **Renda:** Cr$ 18 878 000; **Público:** 9 754; **Gol:** Magno 10 do 2.º; **Cartão amarelo:** Gito, Magno e Tie; **Expulsão:** Marcos e Toté
AMÉRICA: Eugênio, Tie, Cláudio, Romildo e Gito; Carlos Mota, Lico e Dedé de Dora (Erivânio); Paloma, Magno e Baica (Marcos). **Técnico:** Baltazar Germano
ABC: Pedrinho, Lotti, Arimatéia, Toté e Quinho; Marzo (Vamberto), Odilon (Leto) e Edvaldo; Rogério, Dadinho e Silvério. **Técnico:** Nereu Pinheiro

AMÉRICA Campeão Potiguar

Primeira fila: Maeterlinck Rego (médico), Artur (preparador físico), Romildo, Erijânio, Gito, Cláudio, Eugênio, César e Carlos Mota; **segunda fila:** Magno, Cabral, Biro-Biro, Paloma, Dedé de Dora, Mingo, Marcos, Róbson e Baíca

BICAMPEÃO ALAGOANO

CSA

CONQUISTA À BASE DE GOLS

Marcou oitenta vezes em 56 jogos, e assim segurou todo mundo longe de sua área. Quem mais podia ser campeão?

Com a sua filosofia de atacar sempre, o CSA chegou fácil ao bi

Jogar para a frente, sem muita preocupação defensiva, mas antes de tudo pensando em premiar o torcedor com muitos gols. Esta foi a filosofia do CSA durante a campanha que o levou ao bicampeonato alagoano em 1991. E a intenção não demorou a ser compreendida por sua torcida, a maior do Estado: com mais de 160 mil espectadores e 70 milhões de cruzeiros arrecadados, o clube foi o primeiro em público e renda.

No campo, as coisas também não foram diferentes: o time azul e branco foi quem mais venceu (30 vezes), o que menos perdeu (nove derrotas) e o que teve o melhor ataque, com 80 gols em 56 jogos. Mais: ganhou três dos quatro turnos e faturou o caneco três rodadas antes. O título veio com um 1 x 1, fora de casa, com o ASA de Arapiraca, campeão do único turno que sobrou.

Quando o técnico Erandir Montenegro substituiu Mauro Fernandes, ainda no segundo turno, nada mudou. Comandado pelo veterano Peu e o artilheiro Rinaldo, o CSA manteve-se no ataque. "O time provou que sabe jogar bola", entusiasmava-se o goleiro Flávio. Com razão: o bi, 31.º título da história do clube, deixa o CSA ainda mais distante do rival CRB. E o que é melhor: contando com uma diferença que já chega a dez títulos.

O ARTILHEIRO

UM ATACANTE DIFERENTE

RINALDO DANIELLO não é um centroavante comum. Ele não se contenta em marcar gols importantes, como os dezenove que fez no Campeonato Alagoano. Para Rinaldo, o mais importante é abrir espaços para os companheiros. Por isso, ele foi a principal opção de ataque do CSA em 1991 e acabou artilheiro de todo o campeonato. Aos 26 anos, porém, ele está longe de ser uma revelação. Já atuou por oito equipes antes de chegar a Alagoas. Hoje, no entanto, ele virou ídolo da torcida que quer criar nele laços eternos com o CSA.

A CAMPANHA

MARATONA DE GOLS E VITÓRIAS

1.º TURNO
São Sebastião 0 x CSA 0
CSA 1 x ASA 0
Cruzeiro 3 x CSA 1
CSE 0 x CSA 2
CSA 2 x Comercial 0
CSA 3 x Bom Jesus 1
Inter 2 x CSA 2
CSA 3 x CRB 1
Comercial 2 x CSA 0
CSA 1 x Comercial 0
(Na prorrogação, 0 x 0)
Cruzeiro 1 x CSA 0
CSA 2 x Cruzeiro 0
(Na prorrogação, 0 x 1)
Cruzeiro 2 x CSA 4

2.º TURNO
CSA 1 x Cruzeiro 0
Bom Jesus 1 x CSA 0
Comercial 0 x CSA 0
CSA 2 x CSE 1
CSA 2 x Inter 1
ASA 2 x CSA 1
CSA 0 x São Sebastião 0
CSA 0 x CRB 0
CSA 2 x CSE 2
CSE 0 x CSA 0
(Na prorrogação, 0 x 1)
CSA 1 x ASA 2
ASA 3 x CSA 0

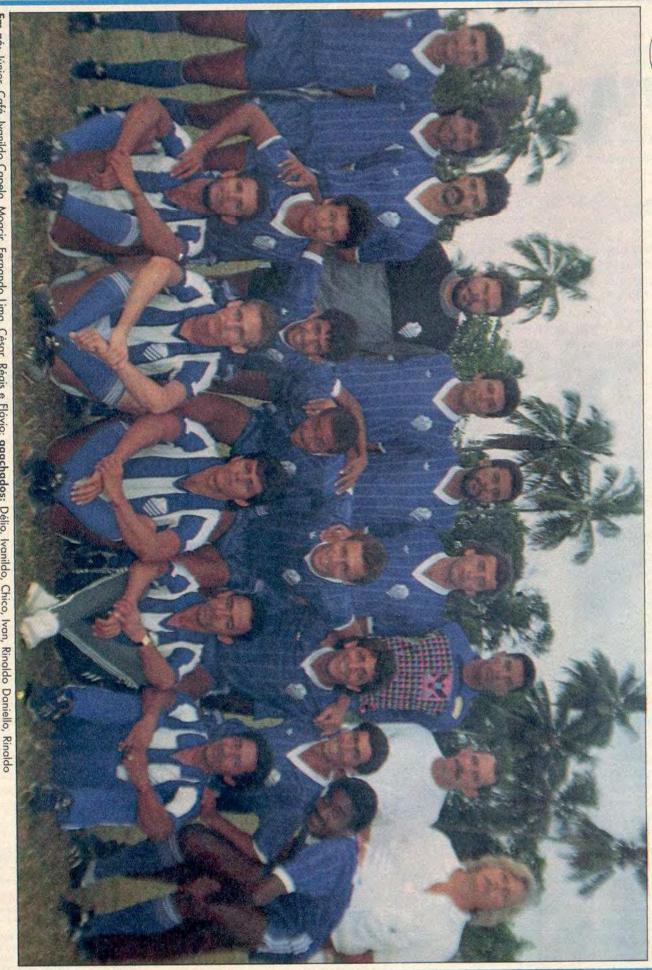
3.º TURNO
São Sebastião 0 x CSA 1
Cruzeiro 0 x CSA 0
CSA 1 x Comercial 0
CSA 2 x Bom Jesus 1
Inter 1 x CSA 2
CSA 2 x ASA 2
CSA 0 x CRB 0
CSE 1 x CSA 0
CSA 1 x Comercial 0
Comercial 0 x CSA 0
CSA 1 x CRB 0
CRB 1 x CSA 2
CSA 3 x Comercial 1

4.º TURNO
CSA 2 x CSE 2
Comercial 0 x CSA 1

FINAL
1.º/dezembro/91
ASA 1 x CSA 1
Local: Estádio Municipal Coaracy Fonseca (Arapiraca); **Juiz:** Nilson de Carvalho; **Renda:** Cr$ 2 455 700; **Público:** 1 902; **Gols:** Piti 11 e Peu 39 do 2.º; **Cartão amarelo:** Jorge Luís, Jorge, Ari Spadella, Oseas, Pitico, Café, Fernando Lima, Talvanes, Édson e Rinaldo Daniello
ASA: Jorge Luís, Jorge, Beu, Ari Spadella e Marcinho; Oseas, Pitico e Ito (Sídnei); Piti, Isaías (Neto Surubim) e Adeildo. **Técnico:** Mauro Fernandes
CSA: Flávio, Ivanildo Capela, Café, Fernando Lima e Talvanes; Carlinhos Marechal, Rinaldo Fernando (Chico) e Peu; Édson, Rinaldo Daniello e Ivan. **Técnico:** Erandir Montenegro

ASA 1 x CSA 1
CSA 1 x Bom Jesus 1
CSA 3 x São Sebastião 0
CSA 0 x Cruzeiro 0
CSA 3 x Inter 1
CSA x CRB 2
Cruzeiro 1 x CSA 0
CSA 3 x Cruzeiro 0
Comercial 0 x CSA 0
CSA 1 x Comercial 0
CSA 2 x ASA 0

HEXAGONAL FINAL
CSA 4 x Cruzeiro 3
CSA 1 x CSE 1
CSA 4 x CRB 2
CSA 3 x Comercial 0

CSA Bicampeão Alagoano

Em pé: Júnior, Café, Ivanildo Capela, Moacir, Fernando Lima, César, Régis e Flávio; **agachados:** Délio, Ivanildo, Chico, Ivan, Rinaldo Daniello, Rinaldo Fernando e Peu; **sentados:** Dema, Melo, Valdo, Josival (massagista) e Barnabé (massagista)

SERGIPE

CONTRA TUDO E TODOS

O time superou os adversários e o regulamento para conquistar seu 25.° título estadual

Foi a campanha da volta por cima. Para ser campeão estadual em 1991, o Sergipe teve que vencer os adversários em campo e os dirigentes fora dele. Afinal, foram eles que criaram o confuso regulamento e obrigaram uma maratona de jogos antes de se proclamar o campeão. Nos dois primeiros turnos, o Sergipe fez uma péssima campanha e entrou na reta final com uma desvantagem de cinco pontos em relação ao rival Confiança.

A recuperação começou quando o comentarista de rádio Ribeiro Neto trocou as cabines da Rádio Cultura pelo cargo de técnico. Com ele, o clube venceu o hexagonal e partiu para a fase semifinal, onde ainda tinha que tirar uma vantagem de dois pontos do Confiança. E não havia lugar para derrota. Em caso contrário, o Sergipe dava adeus definitivamente ao campeonato.

O empate em 1 x 1 e a vitória por 2 x 1 levaram a decisão para uma melhor de três, novamente entre Sergipe e Confiança. Mas agora, finalmente, havia igualdade de condições. Pelo menos nos números. A essa altura, o Sergipe já tinha um conjunto entrosado, o moral mais elevado e o melhor jogador do Estado: Elenílson, um meia de técnica refinada que ajudou o time a superar desde adversários dentro de campo até o regulamento. Com ele, o Sergipe conquistou seu 25.° campeonato estadual. Um título vencido contra tudo e contra todos.

FOTOS L. CARLOS MOREIRA

Sergipe x Confiança: o clássico virou rotina. Só podia ser essa a final

O ARTILHEIRO

UM ÍDOLO FEITO DE GOLS

*A contratação do atacante Rocha, da Ferroviária de Araraquara (SP), provocou seu deslocamento para a ponta-esquerda. Nem assim, no entanto, **LÉNITON** perdeu seu brilho no campeonato. Ao todo foram quinze gols ao longo da campanha, que o colocaram não apenas na condição de artilheiro do Sergipe, como também de goleador máximo de todo o campeonato.*

Léniton começou nos juniores do Santo André e chegou a Sergipe em 1985 para atuar como centroavante. Canhoto, não teve dificuldades para

se adaptar à ponta em 1991, chegando à linha de fundo e aproveitando sua velocidade para entrar em diagonal na grande área. Assim, marcou boa parte de seus gols e se tornou um dos principais símbolos do time para os torcedores. Uma fama que construiu ao longo da carreira, usando como única arma sua principal qualidade: fazer gols.

A CAMPANHA

UM CAMINHO DE SOFRIMENTOS

1.º TURNO
Sergipe 5 x União 0
Maruinense 0 x Sergipe 0
Sergipe 5 x Amadense 2
Olímpico 2 x Sergipe 2
Itabaiana 0 x Sergipe 0
Sergipe 1 x Lagarto 0
Estanciano 3 x Sergipe 3
Sergipe 0 x Confiança 0
Maruinense 2 x Sergipe 3
Sergipe 1 x Confiança 1
Sergipe 3 x Estanciano 2
Sergipe 2 x Maruinense 0
Estanciano 1 x Sergipe 0
Sergipe 0 x Confiança 2
2.º TURNO
União 0 x Sergipe 0
Sergipe 1 x Maruinense 0
Amadense 3 x Sergipe 2
Sergipe 7 x Estanciano 1
Lagarto 1 x Sergipe 0
Sergipe 2 x Olímpico 0
Sergipe 2 x Itabaiana 1
Sergipe 2 x Confiança 0
HEXAGONAL
União 0 x Sergipe 1
Sergipe 0 x Itabaiana 2
Maruinense 0 x Sergipe 0
Sergipe 3 x Amadense 1
Sergipe 2 x Confiança 1
Sergipe 1 x União 0
Itabaiana 1 x Sergipe 2
Sergipe 1 x Maruinense 0
Amadense 0 x Sergipe 0
Sergipe 2 x Confiança 0
Sergipe 2 x Itabaiana 1
FINAIS
Confiança 1 x Sergipe 1
Sergipe 2 x Confiança 1
Sergipe 1 x Confiança 0
FINAL
8/dezembro/91
SERGIPE 1 X CONFIANÇA 0
Local: Batistão (Aracaju); **Juiz:** Sidrack Marinho Santos; **Renda:** Cr$ 22 908 500; **Público:** 11 341; **Gol:** Léniton 20 do 1.º; **Cartão amarelo:** Gilvan Japaratuba, Audeir, Aurélio, Valdecir e Marcos
SERGIPE: Dílson, Agnaldo (Tuíca), Marcos, Valdecir e Alex; Denilson, Sandoval (Luís Dias) e Elenílson; Evandro, Rocha e Léniton. **Técnico:** Ribeiro Neto
CONFIANÇA: Wellington, Araújo, Gilvan Japaratuba (Edy), Malvina e Pimenta; Virgílio, Paulinho e Quinha; Aurélio, Audair e Váldson (Beto Sergipano). **Técnico:** Edmilson Santos

SERGIPE Campeão Sergipano

Em pé: Freitas, Alex, Alecir, Luís Dias, Agnaldo, Marcos, Valdecir, Denílson, Dílson e Ribeiro Neto (técnico); **agachados:** Tuíca, Evandro, Léniton, Mílton, Rocha, Paulo Sérgio, Elenílson e Sandoval

CAMPEÃO PARAIBANO

CAMPINENSE

AZARÃO DÁ VOLTA POR CIMA

Depois de quase ser eliminado, o time encontrou forças para quebrar um jejum de onze anos

Foi um campeonato para cardíaco nenhum colocar defeito. Durante toda a campanha, o Campinense foi visto como azarão e nem mesmo quando entrou em campo para disputar a última rodada, contra o Nacional de Patos, os paraibanos acreditavam que o título iria para Campina Grande. Não era para menos. Além da vitória, a equipe precisava torcer por um tropeço do Auto Esporte contra o Botafogo para quebrar um jejum de onze anos. Bastou terminarem as duas partidas decisivas, porém, para se perceber que a Paraíba tem time macho, sim, senhor!

Afinal, foi preciso muita fibra para superar todas as dificuldades que cercaram a campanha. A começar pelos dois primeiros turnos, quando o clube não conseguiu a classificação e foi obrigado a disputar uma vergonhosa repescagem. Na fase final, no entanto, a sorte mudou de lado. Mesmo com duas derrotas, o Campinense chegou à última rodada do quadrangular decisivo com chances e disposto a tudo para conquistar o título. E, se era preciso torcer por um tropeço do Auto Esporte, lá se foi um enviado de Campina Grande para gratificar o Botafogo em caso de conseguir ao menos o empate.

Deu certo. O Auto Esporte não passou de um 0 x 0 em João Pessoa e o Campinense aplicou 3 x 1 no Nacional de Patos. A quebra do jejum, porém, é só o primeiro passo. Agora, como Corinthians e Botafogo, no Sul do país, a ordem é se reacostumar às conquistas.

FOTOS NICOLAU DE CASTRO

A volta olímpica após onze anos. Até promessa se pagou em campo

O ARTILHEIRO

A SEGUNDA GLÓRIA DO ANO

ORLANDO foi a salvação do Campinense. Não fossem seus gols nos momentos de dificuldade nos dois primeiros turnos, talvez o time não chegasse sequer às finais. Ao todo, esse pernambucano de 30 anos, que veio do XV de Jaú no início de 1991, marcou quinze gols e se tornou a segunda glória do clube no ano da quebra do jejum. Afinal, nada melhor do que, além do título, ter o artilheiro do campeonato.

A CAMPANHA

COMO CAIU O JEJUM

1.º TURNO
Campinense 0 x Nacional-C 0
Santa Cruz 1 x Campinense 1
Santos 0 x Campinense 3
Nacional-P 0 x Campinense 0
Botafogo 0 x Campinense 0
Campinense 1 x Treze 1
Campinense 0 x Auto Esporte 1
Campinense 2 x Guarabira 1
Campinense 2 x Esporte 0
2.º TURNO
Guarabira 2 x Campinense 1
Campinense 0 x Santa Cruz 0
Campinense 8 x Santos 0
Nacional 0 x Campinense 4
Esporte 2 x Campinense 2
Campinense 1 x Botafogo 1
Auto Esporte 4 x Campinense 2
Treze 2 x Campinense 0
Campinense 0 x Nacional-P 4
REPESCAGEM
Guarabira 0 x Campinense 1
Campinense 8 x Nacional 1
Campinense 3 x Santos 0
Campinense 2 x Guarabira 1
Santos 0 x Campinense 2
Campinense 5 x Nacional 0
Campinense 2 x Treze 1
FINAIS
Campinense 3 x Auto Esporte 1
Nacional-P 1 x Campinense 0
Campinense 1 x Botafogo 0
Auto Esporte 2 x Campinense 0
Botafogo 1 x Campinense 1

FINAL
10/novembro/91
CAMPINENSE 3 X NACIONAL-P 1
Local: Amigão (Campina Grande); **Juiz:** José Clizaldo; **Renda:** Cr$ 11 857 000; **Público:** 8 645; **Gols:** Galeguinho (pênalti) 34 do 1.º; Nei 2 e Douglas Neves 10 e 30 (pênalti) do 2.º; **Expulsão:** Humberto e Renílson
CAMPINENSE: Hortimar, Maurício, Hélio Carioca, Bezerra e Marquinhos; Hélio Paraíba, Nei e Douglas Neves (Marcelo Cangula); Valério, Orlando (Luisinho) e Renílson. Técnico: Rivelino
NACIONAL-P: Marcial, Humberto, Lima, Jorge e Júlio César; Dó (Baú), Reginaldo e Tião; Erivan Caçote (John), Galeguinho e Renílson. Técnico: Manuel Messias

CAMPINENSE Campeão Paraibano

Em pé: Hortimar, Adeílson, Hélio Carioca, Orlando, Bezerra, Nei, Douglas Neves, Carlos Roberto e Cícero; **agachados:** Hélio Paraíba, Nego, Maurício, Mesinha, Valério, Edinho, Wendell, Cristiano e Aluísio; **sentados:** Marquinhos, Roberto, Clodoaldo, Romero, Arimatéia, Marcelo Cangula, Luisinho e Renílson

CAMPEÃO PIAUIENSE

PICOS

SURPRESA DO INTERIOR

O time voltou de uma licença de oito anos para se tornar o primeiro campeão com sede fora de Teresina

Um time modesto, sem recursos financeiros e lutando para fugir das últimas colocações. Isso era o máximo que os torcedores piauienses esperavam da Sociedade Esportiva de Picos, no início do ano. Um clube que voltava a disputar o campeonato após uma licença de oito anos não podia prometer mais. O prefeito e presidente de honra do clube, José Néri, no entanto, transformou completamente essa história. Com o auxílio da prefeitura, ele comandou um mutirão na cidade e transformou a equipe no primeiro campeão do Piauí com sede no interior — Picos fica a 320 km de Teresina.

A recuperação, porém, só aconteceu no segundo turno, quando Picos conquistou o título e se classificou para um triangular com Ríver e Flamengo. E a conquista proporcionou uma vantagem. O regulamento previa um jogo extra entre os campeões de turno em caso de tríplice igualdade. Foi o que aconteceu. Todos os jogos do triangular terminaram empatados e o Picos partiu para a final contra o Ríver — campeão do primeiro turno. Aí bastou somente uma vitória por 1 x 0 para confirmar o título.

A festa se estendeu pela cidade e o prefeito-presidente José Néri decretou feriado no dia seguinte ao jogo. Uma alegria que aumentava com a lembrança de que, em 1992, o time poderá disputar a Copa do Brasil. Agora, depois de ser o primeiro time do interior a conquistar o título estadual, a cidade alimenta outro sonho: fazer de todo o país uma grande festa do interior.

FOTOS CÍCERO ROCHA

Na decisão, 1 x 0 contra o Ríver. Depois, altas comemorações em Picos

O ARTILHEIRO

HOMEM-GOL SEM VOLTA OLÍMPICA

*Artilheiro da Sociedade Esportiva de Picos, o atacante **JOSELITO** não pôde dar a volta olímpica. Em litígio com o clube, ele rescindiu o contrato no meio do segundo turno, ficando de fora dos jogos finais. E ele não esteve presente nem para comemorar com os ex-companheiros. Depois da rescisão, Joselito abandonou a cidade sem deixar notícias. Mesmo assim, graças à boa colocação na área, marcou oito gols. Natural de Picos, Joselito Pereira da Silva, 26 anos, poderia ter se aproximado mais do artilheiro do campeonato (Valberto, do Cori-Sabbá, que fez doze) se não tivesse desperdiçado dois pênaltis.*

A CAMPANHA

A RENDIÇÃO DA CAPITAL

1.º TURNO
Picos 1 x Auto Esporte 2
Tiradentes 0 x Picos 2
Picos 2 x Caiçara 0
Quatro de Julho 0 x Picos 0
Picos 3 x Paysandu 2
Piauí 1 x Picos 0
Cori-Sabbá 1 x Picos 1
Picos 2 x Comercial 1
Parnaíba 1 x Picos 2
Picos 0 x Ríver 1
Picos 0 x Flamengo 1
2.º TURNO
Picos 4 x Piauí 0
Picos 3 x Tiradentes 1
Paysandu 0 x Picos 1
Picos 0 x Quatro de Julho 1
Comercial 0 x Picos 2
Picos 3 x Parnaíba 1
Ríver 0 x Picos 0
Auto Esporte 3 x Picos 0
Picos 3 x Cori-Sabbá 0
Flamengo 1 x Picos 1
Caiçara 1 x Picos 1
Picos 0 x Parnaíba 0
Parnaíba 1 x Picos 1
(Nos pênaltis, 5 x 6)
Flamengo 0 x Picos 0
Picos 1 x Flamengo 0
FINAIS
Picos 1 x Flamengo 1
Ríver 0 x Picos 0
17/dezembro/91
RÍVER 0 x PICOS 1
Local: Alberto Silva (Teresina); **Juiz:** Emílio Porto; **Renda:** Cr$ 6 629 500; **Público:** 6 650; **Gol:** Natinho 30 do 1.º; **Cartão amarelo:** Luís Eduardo, Javam, Giva, Alemão, Sérgio Luís, Natinho, Leonardo, Totonho e Valdinar; **Expulsão:** Naldo
RÍVER: Fernando, Giva (Javam), Naldo, Zezé e Cleiton; Alemão, Luís Eduardo e Miolinho; Paulinho, Pita e Nonatinho. **Técnico:** Derivaldo Barbosa
PICOS: Jorge, Valdinar, João Aquino, Totonho e Pedrinho; Nica, Bertinho (Amauri) e Sordeco; Leonardo, Sérgio Luís e Natinho. **Técnico:** Mormaço

PICOS Campeão Piauiense

Em pé: Valdinar, Rocha, Osmarildo, Totonho, João Aquino, Pedrinho e Jorge; **agachados:** Bertinho, Amauri, Leonardo, Sordeco, Jorginho, Sérgio Luís, Etevaldo, Natinho e Nica

BICAMPEÃO MARANHENSE

S.C.F.C.

SAMPAIO CORRÊA

MANTENDO VIVA A ROTINA

O time comemorou o título com uma alegre romaria. Um hábito que dura sete anos e parece longe de acabar

A cada final de ano os jogadores do Sampaio Corrêa seguem em romaria até São José do Ribamar — cidade distante 25 km de São Luís — para agradecer ao santo do mesmo nome o título de campeão maranhense. A festa se tornou um hábito nos últimos sete anos. Afinal, o clube que conquistou o bicampeonato em 1991 só perdeu um título desde 1984 — em 1989, para o Moto Clube — e chegou a ser pentacampeão.

Mesmo assim, não foi fácil vencer o campeonato de 1991. Apesar de chegar à final com a vantagem do empate, o Sampaio não teve moleza para empatar em 0 x 0 com o Moto Clube. O resultado só foi conseguido graças à atuação heróica do goleiro Juca e à má pontaria dos atacantes adversários.

Curiosamente, o mesmo goleiro que garantiu a conquista do título foi uma das vítimas dos tempos arrasadores do Sampaio entre 1984 e 1988. Nessa época, Juca defendia o Maranhão e chegou a ser vice-campeão três vezes seguidas, em 1986, 1987 e 1988. Não foi apenas ele, no entanto, o destaque do Sampaio. O time contou também com o lateral-direito Tarantini, campeão brasileiro pelo Bahia em 1988, e o meia Henágio, que, entre outros clubes, defendeu o Flamengo do Rio. Além deles, o clube teve outro ex-jogador do Maranhão: o centroavante Bacabal, artilheiro do time e vice do campeonato, com quinze gols. A superioridade do clube em 1991, porém, transmite um enorme receio aos torcedores adversários: o de que as romarias a São José do Ribamar continuem por muito tempo sendo uma rotina.

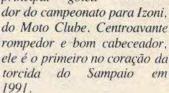
FOTOS SALOMÃO ROCHA

Contra o Moto Clube, na final, premiando uma campanha brilhante

O ARTILHEIRO

O PRIMEIRO DA TORCIDA

Durante vários anos o centroavante BACABAL *se acostumou a ser vice-campeão pelo Maranhão. Ao chegar ao Sampaio Corrêa, ele conseguiu vencer parcialmente esse estigma. Campeão estadual e artilheiro do clube com quinze gols, Bacabal não perdeu o hábito de ser o segundo e deixou o título de principal goleador do campeonato para Izoni, do Moto Clube. Centroavante rompedor e bom cabeceador, ele é o primeiro no coração da torcida do Sampaio em 1991.*

A CAMPANHA

REGULARIDADE PREMIADA

Sampaio 4 x 0 Vitória do Mar
Sampaio 6 x 0 Tupan
Sampaio 2 x 0 Maranhão
Sampaio 1 x 1 Expressinho
Sampaio 2 x 2 Moto
Sampaio 2 x 0 Boa Vontade
Sampaio 4 x 0 Boa Vontade
Sampaio 0 x 0 Bacabal
Sampaio 0 x 0 Maranhão
Sampaio 0 x 0 Moto
Bacabal 1 x 0 Sampaio
Sampaio 1 x 2 Maranhão
Sampaio 1 x 0 Moto
Sampaio 3 x 0 Vitória do Mar
Sampaio 2 x 0 Boa Vontade
Sampaio 2 x 1 Expressinho
Sampaio 0 x 0 Maranhão
Sampaio 0 x 0 Moto
Sampaio 1 x 0 Tupan
Sampaio 1 x 1 Tupan
Sampaio 1 x 1 Moto
Bacabal 2 x 1 Sampaio
Sampaio 1 x 0 Bacabal
Bacabal 1 x 3 Sampaio
Sampaio 1 x 0 Moto
Sampaio 5 x 0 Americano
Sampaio 3 x 1 Maranhão
Sampaio 2 x 1 Bacabal

FINAL
1.º/dezembro/91
SAMPAIO CORRÊA 0 x MOTO CLUBE 0
Local: Castelão (São Luís); **Juiz:** Sérgio Faray; **Renda:** Cr$ 28 473 000; **Público:** 12 813
SAMPAIO CORRÊA: Juca, Tarantini, Estevam, Paulo César e Catita; Zé Carlos, Henágio e Júlio César; Ismael, Bacabal (Marcão) e Paulo Roberto (Solón). **Técnico:** Paraíba
MOTO CLUBE: Milagres, Zanata, Edinho, Neném e Danilson; Alfredo, Hiltinho e Beto Cruz; Chita, Zé Roberto (Izoni) e Rildo (Marco Antônio). **Técnico:** Marçal Tolentino Serra

SAMPAIO CORRÊA *Bicampeão Maranhense*

Em pé: Juca, Estevam, Catita, Paulo César, Zé Carlos e Tarantini; **Agachados:** Ismael, Júlio César, Henágio, Bacabal e Paulo Roberto

NACIONAL

O NAÇA É REI NOVAMENTE

Depois de quatro anos, o Nacional superou todos os obstáculos e se tornou campeão do Amazonas

FOTOS NORMANDI LETAISE

Em doze jogos, o Nacional levou só seis gols: uma defesa atenta e segura

Foi uma festa quase perfeita. O Nacional teve o melhor time em campo e fez da raça sua principal arma. Para completar o cenário, o time já havia vencido o primeiro turno e só precisava de um empate. Por isso, a torcida nem sequer se importou que o clássico contra o Fast tivesse terminado com um empate em 0 x 0. Àquela altura, os torcedores do Leão já estavam de alma completamente lavada.

E não podia ser diferente. O time mandou no campeonato desde o começo e por pouco não conquistou o segundo turno, ganhando o título por antecipação. A equipe contava com a experiência do veterano Marinho Macapá no meio-campo, a criatividade do armador Fabinho, ex-Fluminense, e os gols do centroavante Freitas, ex-São Paulo, artilheiro do time com três gols. Com eles, não havia jeito de perder.

Pena apenas que a Federação Amazonense tenha organizado um certame confuso e que nunca conseguiu atrair o público. Na final, por exemplo, não pagaram ingresso mais do que 595 torcedores. Azar do presidente Belmiro Costa, que não foi sequer notado na decisão. Mesmo assim, para a torcida do Nacional só faltou uma coisa para tornar a festa perfeita: vencer o então tetracampeão Rio Negro na final. Aí seria a prova definitiva de que quem manda nos campos do Amazonas é, de fato, o Nacional.

O ARTILHEIRO

APROVEITANDO AS CHANCES

*Perder oportunidades é uma coisa que o centroavante **FREITAS** não admite. Ele desperdiçou inúmeras chances no início de carreira, quando atuava no São Paulo. Da reserva de Careca, ele passou a centroavante titular do Nacional. E as oportunidades perdidas no tricolor paulista viraram experiências. Por isso, hoje ele não desperdiça as chances que aparecem na área. Assim, foi o artilheiro do Nacional com três gols no campeonato.*

A CAMPANHA

UMA TEMPORADA QUASE PERFEITA

1.º TURNO
Princesa 0 x Nacional 3
Nacional 0 x Penarol 0
Nacional 1 x América 0
Nacional 1 x Fast 0
São Raimundo 2 x Nacional 0
2.º TURNO
Nacional 1 x Princesa 0
Penarol 0 x Nacional 1
Nacional 0 x São Raimundo 0
Nacional 2 x Fast 2
Nacional 1 x América 2
FINAIS
Nacional 0 x Fast 0
15/dezembro/91
NACIONAL 0 x FAST 0
Local: Vivaldo Lima (Manaus); **Juiz:** Odílio Mendonça; **Renda:** Cr$ 1 190 000; **Público:** 595; **Cartão amarelo:** Alves, Marinho Macapá e Beto Pastor
NACIONAL: Luís Roberto, Virgílio, Alves, Ednaldo e Urica; Sérgio Moura, Cléber, Silvinho e Fabinho; Freitas e Marinho Macapá. **Técnico:** Aderbal Lana
FAST: Artur, Beto Pastor, Luisão, Heraldo e Ricardo; Gilmar, Hidalgo e Jorge Duarte (Paulo César); Bujica (Edvandro), Sabino e Rildo. **Técnico:** Mario Jorge Amaral

NACIONAL Campeão Amazonense

Em pé: Jorge Luís, Alves, Ednaldo, Muriça, Sérgio Moura, Luís Roberto e Cléber; **agachados:** Tapera, Wilson, Mazola, Silvinho, Freitas, Fabinho, Marinho Macapá, Virgílio e Aloísio

CAMPEÃO ACREANO

ATLÉTICO

LÁ TAMBÉM SÓ DEU GALO

Apesar da crise financeira, o Atlético do Acre faturou o título, igualzinho ao xará mineiro

Para conquistar seu primeiro título profissional no Acre, o Atlético de Rio Branco, primo distante do Atlético Mineiro (que, apesar das cores azul e branco, também é chamado de Galo), procurou uma maneira original de resolver seus problemas. Enquanto o país procura soluções através da privatização, foi apelando para o diretor de uma empresa estatal que o Galo tirou o pé da lama. Afinal, depois que José Humberto, o superintendente da Infraero no Acre, assumiu a presidência, o time realizou 26 partidas e só perdeu uma, para o Juventus, por 1 x 0, mesmo assim em um amistoso.

Por isso, o título veio mesmo de forma invicta, acabando com o domínio do Juventus, campeão dos dois primeiros campeonatos profissionais, em 1989 e 1990. O primeiro turno, é verdade, ficou com o Rio Branco. Mas a conquista do segundo foi suficiente para garantir o Atlético em um triangular que tinha ainda o Juventus. Contra este, uma vitória de 2 x 0 garantiu a vantagem do empate na final, com o Rio Branco.

Nem tudo, porém, são flores no novo campeão. Alguns destaques da campanha, como o volante Sérgio Ricardo e o capitão Marquinhos, lideraram uma greve de jogadores durante a campanha. E prometem repetir a dose se o Galo não pagar em dia durante a disputa da Série B do Brasileiro.

O capitão Marquinhos com a taça, a primeira ganha pelo Atlético

O ARTILHEIRO

UM VETERANO BOM DE BOLA

Aos 32 anos, o ponta-direita Paulo Rosas Rodrigues, o **PAULINHO**, *artilheiro do Atlético Acreano e do campeonato, com dez gols, ainda não conseguiu se livrar da fama de boêmio. Por causa dela, acabou trocando o Rio Branco pelo Galo, e fez um ótimo negócio: passou a jogar também de centroavante e, à custa de seus gols, virou a principal estrela do time campeão. Seu sonho é continuar brilhando em 1992, na Série B do Campeonato Brasileiro, e projetar seu futebol para todo o país.*

FOTOS AGENOR MARIANO

A CAMPANHA

UM FEITO DE LAVAR A ALMA

1.º TURNO
Atlético 1 x Andirá 0
Juventus 0 x Atlético 0
Atlético 4 x Vasco 1
Independência 2 x Atlético 3
Atlético 0 x Rio Branco 0
2.º TURNO
Atlético 1 x Juventus 1
Atlético 2 x Independência 0
Vasco 0 x Atlético 5
Rio Branco 0 x Atlético 0
Andirá 0 x Atlético 2
FINAIS
Atlético 2 x Juventus 0
8/outubro/91
ATLÉTICO 2 X RIO BRANCO 2
Local: Estádio José Melo (Rio Branco); **Juiz:** José Ribamar Pinheiro de Almeida; **Renda:** Cr$ 1 150 000; **Público:** 1 115; **Gols:** Vinicius 12 e 15, Gérson 17 e Paulinho 37 do 2.º.
ATLÉTICO: Antônio José, Marquinhos, Ricardo, Dodi e Gérson; Milton (Édson), Daniel e Joãozinho (César); Dim, Paulinho e Ley. **Técnico:** Zé Augusto
RIO BRANCO: Ilzomar, Gersey, Chicão, Ânderson e Carlinhos; Gilmar, Rol e Merica; Vinicius, Palmiro e Jorge Luis (Nei). **Técnico:** Toninho Silva.

ATLÉTICO Campeão Acreano

Em pé: Assis, Cid (roupeiro), Dodi, Marquinhos, Jerso, Milton, Ricardo, Redson, Antônio José, José Humberto (presidente) e Zé Augusto (técnico);
agachados: César, Nego, Ley, Helinho, Paulinho, Daniel, Dim e Joãozinho

Os oito grandes do Sul

Publiquem os escudos dos oito finalistas do Campeonato Gaúcho deste ano: Brasil de Pelotas, Glória de Vacaria, Grêmio, Guarani de Venâncio Aires, Internacional, Juventude, Lajeadense e São Luís de Ijuí.

Alessandro Renato Selbach
Charqueadas, RS

Internacional

São Luís

Brasil

Grêmio

Glória

Juventude

Guarani

Lajeadense

Correio do interior

Quais os endereços para correspondência do Botafogo de Ribeirão Preto, da Ponte Preta de Campinas e do Rio Branco de Americana?

Adauto Dias
Duque de Caxias, RJ

Anote aí, Adauto: Botafogo Futebol Clube - Estádio Santa Cruz, Av. Costábile Romano, s/n.º, Ribeirão Preto, SP, CEP 14100; Associação Atlética Ponte Preta - Estádio Moisés Lucarelli, Pça. Francisco Ursaia Jr., s/n.º, Campinas, SP, CEP 13100; Rio Branco Esporte Clube - Estádio Décio Vita, Av. Carmine Feola, 1073, Americana, SP, CEP 13470.

As façanhas do goleador Zico

Em quantos campeonatos Zico terminou como artilheiro?

José Elifran Araújo
Rio de Janeiro, RJ

O Galinho foi o maior goleador de nove dos campeonatos que disputou. O primeiro deles, o Carioca de 1975, com 30 gols. No Rio, repetiria a dose também em 1977 (com 27 gols), 1978 (19, ao lado de Cláudio Adão e Roberto), 1979 (duas vezes, com 34 e 26 gols, em um campeonato especial) e 1982 (com 21). No Campeonato Brasileiro, liderou a lista em 1980 e 1982, nas duas vezes com 21 gols. Foi também o artilheiro da Libertadores, em 1981, quando marcou onze vezes.

ARI GOMES

Zico: o goleador maior do Fla

Campeões da América do Sul

Sou corintiano e quero saber os campeões da Libertadores.

Jefferson Leite
São Pedro do Turvo, SP

A seguir, os vencedores da Taça: 1960 e 1961 - Peñarol (Urug.); 1962 e 1963 - Santos (Br.); 1964 e 1965 - Independiente (Arg.); 1966 - Peñarol (Urug.); 1967 - Racing (Arg.); 1968 a 1970 - Estudiantes (Arg.); 1971 - Nacional (Urug.); 1972 a 1975 - Independiente (Arg.); 1976 - Cruzeiro (Br.); 1977 e 1978 - Boca Juniors (Arg.); 1979 - Olimpia (Par.); 1980 - Nacional (Urug.); 1981 - Flamengo (Br.); 1982 - Peñarol (Urug.); 1983 - Grêmio (Br.); 1984 - Independiente (Arg.); 1985 - Argentinos Jrs. (Arg.); 1986 - River Plate (Arg.); 1987 - Peñarol (Urug.); 1988 - Nacional (Urug.); 1989 - Nacional (Col.); 1990 - Olimpia (Par.); 1991 - Colo-Colo (Chile).

Quem foi para a Copa em 82 e 86?

Gostaria de saber a relação dos jogadores que estiveram representando o Brasil nas Copas de 1982, na Espanha, e 1986, no México.

Robison de Lima
Presidente Epitácio, SP

Em 1982 embarcaram para a Espanha: Waldir Peres, Paulo Sérgio e Carlos (goleiros); Leandro, Júnior, Edevaldo e Pedrinho (laterais); Oscar, Luizinho, Juninho e Edinho (zagueiros); Toninho Cerezo, Paulo Isidoro, Sócrates, Zico, Falcão, Batista, Renato e Dirceu (meio-campistas); Serginho, Éder, Careca e Roberto Dinamite (atacantes). Em 1986 foi a vez de Carlos, Leão e Paulo Vítor (goleiros); Édson, Josimar, Júnior e Branco (laterais); Mauro Galvão, Oscar, Júlio César e Edinho (zagueiros); Elzo, Falcão, Sócrates, Zico, Silas e Alemão (meio-campistas); Müller, Casagrande, Careca, Valdo e Edivaldo (atacantes).

PLACAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

SÃO PAULO
Redação, Publicidade e Correspondência: r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04573, Caixa Postal 2372, tel.: (011) 534-5344, Telex (011) 57357, 57359 e 57382, FAX: (011) 534-5638, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Administração:** r. Jaguaretê, 213, Casa Verde, CEP 02515, tel.: (011) 858-4511.

ESCRITÓRIOS

BRASIL

Belo Horizonte: r. Paraiba, 1122, 18.º andar, Bairro Funcionários, CEP 30130, tels.: (031) 226-7799/7007, Telex (031) 1085, FAX: (031) 226-7114

Blumenau: av. Martin Luther, 111, Edifício Master Center Empresarial, sala 709, CEP 89010, tels.: (0473) 22-1060, (0482) 26-0902

Brasília: SCN - Quadra CN1, Lote C, Edifício Brasília, Trade Center, 14.º e 15.º andares, CEP 70710, tel.: (061) 321-8855, Telex (061) 1464 e 1136, FAX: (061) 226-7592, Telegramas Abrilpress

Campinas: r. Sacramento, 126, 13.º andar, conj. 131/133, Centro, CEP 13013, tel.: (0192) 33-7100, Telex (0192) 3311, FAX: (0192) 23281

Campo Grande: r. Ametista, 85, Coopharádio, CEP 79050, Caixa Postal 57, tel.: (067) 387-3685

Caxias do Sul: r. Pinheiro Machado, 2705, sala 503, Ed. Metropolitan, tel.: (054) 223-2455

Cuiabá: r. 86, Quadra 16, Casa 28, CPA 3, Setor 1, CEP 78000, Caixa Postal 445, tel.: (065) 341-2674

Curitiba: av. Cândido de Abreu, 651, 7.º, 8.º e 12.º andares, Bairro Centro Cívico, CEP 80530, tel.: PABX (041) 252-6996, Telex (041) 30123, FAX: (041) 254-3455, tel.: (atendimento ao assinante) (041) 252-5566

Florianópolis: av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 1.º andar, conj. 101, Centro, CEP 88015, tel.: (0482) 22-7826, Telex (0481) 1004, FAX: (0482) 23-5873

Fortaleza: av. Santos Dumont, 3060, salas 418/420/422, Aldeota, CEP 60150, tel.: (085) 261-7555, Telex (085) 1607

Goiânia: r. 1127, n.º 220, Setor Marista, CEP 74310, tel.: (062) 241-3756

Natal: r. Dr. Múcio Galvão, 435, Tirol, CEP 59020, TELEFAX: (084) 223-2303

Novo Hamburgo: av. Bento Gonçalves, 2537, 7.º andar, sala 704, CEP 93510, tel.: (0512) 93-9891

Porto Alegre: av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 e 308, Bairro Menino Deus, CEP 90060, tel.: (0512) 29-4177/5899, Telex (051) 1092, Telegramas: Abrilpress, FAX: (0512) 29-4857

Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, conj. 901 a 904, Bairro São José, CEP 50020, tel.: (081) 424-3333, Telex (081) 1184, FAX: (081) 424-3896

Ribeirão Preto: r. Garibaldi, 919, Centro, CEP 14010, TELEFAX: (016) 634-9376

Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andar, Botafogo, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex (021) 22674, FAX: (021) 275-9347, Telegramas: Editabril/Abrilpress

Salvador: av. Tancredo Neves, 1283, Edifício Omega, 3.º e 5.º andares, salas 303 e 502, Bairro Pituba, tel.: (071) 371-4999, Telex (071) 1180, FAX: (071) 371-5583

São José dos Campos: r. Francisco Berling, 143, Centro, CEP 12245, tel.: (0123) 21-1126

Vitória: av. Jerônimo Monteiro, 1000, Ed. Trade Center, 10.º andar, conj. 1002/1004, Centro, CEP 29010, TELEFAX: (027) 223-4688

EXTERIOR

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, NBR 3403, New York, N.Y. 10165/3403, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • GUIA RURAL • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE

Economia e Negócios
EXAME

Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

Esportes
PLACAR

Masculinas
PLAYBOY

Femininas
CLAUDIA • CLAUDIA MODA • ELLE • NOVA MANEQUIM • MONTRICOT • CAPRICHO • MÁXIMA

Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA
ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante:** (011) 823-9222

ANER IVC

IMPRESSA NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

5 Lâminas limpam melhor que uma!

O segredo dos motoristas europeus

HYPERVISÃO 2000

ANTES

As palhetas não estão incluídas.

Você trocará de carro antes de substituir as lâminas dos seus limpadores de pára-brisas. Finalmente limpadores que realmente funcionam!

DEPOIS

INTERCOM

Dirigir debaixo de chuva pode ser um prazer... se houver boa visibilidade. Agora você pode dirigir com segurança debaixo das piores condições climáticas, inclusive debaixo de um forte temporal!

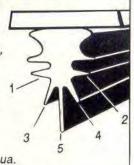
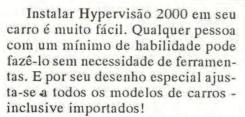
Hypervisão 2000 são as novas lâminas de borracha para limpadores, importadas, que lhe asseguram máxima visibilidade o tempo todo, tanto na cidade como na estrada.

Seu engenhoso design de 5-lâminas 3-funções varrem a chuva, o barro, a neve, os insetos e a sujeira dos pássaros, reestabelecendo a visão, puxando a água e limpando seu pára-brisas 2 VEZES a cada ciclo dos limpadores, deixando-o transparente como cristal.

Duram muito mais!

As lâminas Hypervisão são fabricadas com polímero de última geração, capaz de resistir à ação do sol, do frio e também de produtos químicos sem ressecar-se, quebrar-se ou deformar-se. Por isso duram muito mais que qualquer palheta comum.

Agora, a sujeira, a lama ou as chuvas não são mais problema!

As lâminas 1 e 2 retiram a água. As lâminas 3 e 4 removem insetos, sujeira e fuligem da estrada. Finalmente, a lâmina 5 enxuga o pára-brisas acabando com qualquer detrito ou resíduo de água.

Instalar Hypervisão 2000 em seu carro é muito fácil. Qualquer pessoa com um mínimo de habilidade pode fazê-lo sem necessidade de ferramentas. E por seu desenho especial ajusta-se a todos os modelos de carros - inclusive importados!

Aumente a sua segurança... Hypervisão 2000 mantém seu pára-brisas limpo debaixo de qualquer condição climática.

As Hypervisão 2000 devem durar mais que seu carro... ou nós lhe devolveremos o seu dinheiro!

Não estamos brincando! Enquanto que umas palhetas comuns não duram mais do que 6 meses em bom estado, as Hypervisão 2000 limparão perfeitamente seu pára-brisas ano após ano! E se tal não ocorrer ou se você não ficar satisfeito com a nova visibilidade de seu pára-brisas, devolva-nos as Hypervisão e lhe enviaremos seu dinheiro de volta sem nenhuma pergunta!

Peça já HYPERVISÃO 2000 pelo telefone e pague com seu cartão de crédito Bradesco, VISA, Credicard ou Diners Club.

LIGUE JÁ! (011) 1406

Para pedir seu jogo de Hypervisão 2000, recorte e envie agora mesmo o cupom para: HYPERVISÃO 2000 - Caixa Postal 20962 - CEP 01498 - São Paulo - SP

FAÇA SEU PEDIDO AGORA MESMO!

Envie para:
HYPERVISÃO 2000
Caixa Postal 20962
01498 - São Paulo - SP

HP PR O1

Oferta válida até 31/1/92*

❑ SIM! Por favor enviem-me rapidamente e com garantia de satisfação:

❑ **704** - 1 par de HYPERVISÃO por apenas Cr$ 30.000,⁰⁰.

❑ **754** - 2 pares de HYPERVISÃO por apenas Cr$ 39.950,⁰⁰ (Economize mais de Cr$ 20.000,⁰⁰).

CARRO	MODELO	ANO

Forma de pagamento:

❑ Envio este cupom e cheque nominal a favor do GRUPO IMAGEM.

❑ Prefiro pagar no correio ao receber meu pacote.

❑ Debitem o valor de minha compra em meu cartão de crédito:

❑ VISA ❑ CREDICARD
❑ BRADESCO ❑ DINERS CLUB

Nº do cartão: ....

Validade: ____/____ Ass:

Nome: ....

Endereço: ....

Bairro: .... Cep: ....

Cidade: .... Estado: ....

Data Nasc.: ..../......../........ Tel.: ....

* Depois desta data consulte o preço ao (011) 1406

DEPOIMENTO EXCLUSIVO

MAZOLINHA

JOGUEI DOPADO

Viciado em estimulantes e álcool, o atacante do Botafogo apenas agora volta do inferno

1988

Denúncia premiada

ESPECIAL

O PRIMEIRO TIME DE PELÉ

1989

Investigação premiada

PLACAR

TUDO SOBRE SUA VIDA E SUAS GLÓRIAS

- OS GOLS E OS TÍTULOS
- PARCEIROS E AMORES
- AS IMAGENS INESQUECÍVEIS
- TABELÃO COM TODOS OS SEUS JOGOS

OS 50 ANOS DO REI PELÉ

1991

O tri. Comemoração

NÓS TAMBÉM SOMOS TRI!

*Em quatro anos, três **Prêmios Esso** de jornalismo esportivo, o mais importante do país. PLACAR é assim mesmo. Quando denuncia, quando investiga, quando comemora. O tetra vem aí. É só conferir*

A BÍBLIA DO FUTEBOL